



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE BACHARELADO EM FARMÁCIA

ALISON KAUAN PEREIRA DE SOUSA
SÂMELA GARDÊNIA PEREIRA DA SILVA

**O FARMACÊUTICO NA ANÁLISE DO USO ABUSIVO DE
PSICOTRÓPICOS EM PACIENTES DE UNIDADE DE TERAPIA
INTENSIVA (UTI): UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Itaituba - PA

2025

ALISON KAUAN PEREIRA DE SOUSA
SÂMELA GARDÊNIA PEREIRA DA SILVA

**O FARMACÊUTICO NA ANÁLISE DO USO ABUSIVO DE
PSICOTRÓPICOS EM PACIENTES DE UNIDADE DE TERAPIA
INTENSIVA (UTI): UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Faculdade de Itaituba como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Farmácia.

Orientadora: Prof.^a Esp.^a Nágila Juliane Cirino
Maranhão dos Anjos.

Itaituba - PA

2025

SOUSA, Alison Kauan Pereira de; SILVA, Sâmela Gardênia Pereira da.

O Farmacêutico na análise do uso abusivo de Psicotrópicos em Pacientes de Unidade de Terapia Intensiva (UTI): Uma Revisão de Literatura. Alison Kauan Pereira De Sousa; Sâmela Gardênia Pereira Da Silva. Itaituba: FAI, 2025.

67 f.: 1 il.

Prof.^a Esp. Nágila Juliane Cirino Maranhão dos Anjos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, FAI. Itaituba, BR - PA, 2025.

1. Farmacêutico. Psicotrópicos. Unidade de Terapia Intensiva. Uso abusivo. I Anjos, Nágila Juliane Cirino Maranhão dos. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2025.

ALISON KAUAN PEREIRA DE SOUSA
SÂMELA GARDÊNIA PEREIRA DA SILVA

**O FARMACÊUTICO NA ANÁLISE DO USO ABUSIVO DE
PSICOTRÓPICOS EM PACIENTES DE UNIDADE DE TERAPIA
INTENSIVA (UTI) UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Faculdade de Itaituba como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Farmácia.

Orientadora: Prof.^a Esp.^a Nágila Juliane Cirino
Maranhão dos Anjos.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____

Prof.^a, Esp.

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof.^a, Me.

Avaliador: _____ Nota: _____

Prof.^a, Me.

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, ____ de _____ de 2025.

*Com gratidão, dedicamos essa
Monografia a Deus e a nossa família, pois
sem eles nada seria possível.*

AGRADECIMENTOS

Eu, **Alison Kauan Pereira de Sousa**, agradeço primeiramente a **Deus**, pois sei que, sem Ele e o Seu apoio, nada disso seria possível. Foi Ele quem me deu forças nos momentos difíceis ao longo desses cinco anos e me sustentou até aqui, na linha de chegada.

À minha mãe, **Aurilete Pereira Silva**, expresso minha imensa gratidão pelo apoio incondicional ao longo desses cinco anos. Ela tornou tudo isso possível e não mediu esforços para eu realizar esse sonho que parecia tão distante. Mãe, seu apoio foi o alicerce que me permitiu superar obstáculos e alcançar este objetivo. Você é o farol que me guia durante a tempestade. Obrigado por tudo.

Agradeço também ao meu irmão, **Alonso Júnior**, pelo incentivo constante e contribuição para meu crescimento pessoal e acadêmico. Ao meu amigo, **Alisson Cardoso**, minha eterna gratidão pela amizade e por estar ao meu lado, ouvindo meus desabafos e ajudando nos momentos em que mais precisei. Você é o melhor amigo que eu poderia ter.

Aos meus colegas de turma, com quem compartilhei esses cinco anos de graduação, agradeço por todos os momentos de aprendizado e companheirismo. Vocês tornaram essa jornada mais leve e prazerosa. Aos meus amigos **Ewerthon**, **Jaqueline** e **Maria Clara**, obrigado por tornarem esse último ano o melhor de todos. A amizade de vocês é algo que quero levar para a vida toda. Vivenciamos momentos incríveis juntos, e sou grato a vocês por isso.

Sou grato à farmacêutica **Lalesca Xavier**, que, nessa reta final, me deu um grande apoio. Seus conselhos e palavras de motivação ficarão sempre comigo. Você é uma das profissionais em que me inspiro, muito obrigado!

Agradeço à minha orientadora, **Nágila Cirino**, por sua dedicação e apoio fundamentais nesta etapa. Sou grato por toda a ajuda e pelos ensinamentos que contribuíram imensamente para esse momento tão importante da minha vida acadêmica.

E, por último, não menos importante, quero agradecer à minha amiga **Sâmela Gardênia**, uma das melhores pessoas que conheci nessa caminhada. Os diversos momentos que compartilhamos estarão sempre na minha memória. Obrigado por ser minha parceira neste Trabalho de Conclusão de Curso. Sem você, nada disso seria possível. Você é a melhor!

Eu, **Sâmela Gardênia Pereira da Silva**, com grande gratidão, gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos. Em primeiro lugar, agradeço a **Deus**, que tem sido meu guia nesta jornada, sustentando-me com sabedoria e força para prosseguir meu caminho.

Minha profunda gratidão se estende à minha família, pilares inabaláveis em minha vida. Agradeço especialmente ao meu pai, **Jerdane Possiano**, que sempre enxergou em mim um potencial que eu mesma não percebia. À minha mãe, **Gercy da Silva**, e aos meus irmãos, **Samara Gardeane**, **Jerdanison Gerdean**, e à minha irmãzinha, **Jasmyne Danielli**, que são verdadeiros tesouros, meu muito obrigado por estarem ao meu lado incondicionalmente.

Agradeço também ao meu companheiro, **Kenedy Anderson**, que foi meu refúgio nas horas de desânimo, oferecendo apoio e conselhos sempre que enfrentei dificuldades e que me incentivou a seguir o caminho da Farmácia, um curso que hoje amo profundamente. Sua presença foi fundamental para eu superar os desafios e sua constante motivação me impulsionou a buscar a excelência em minha formação.

Agradeço aos meus sogros, **Lindenilda Lins** e **Denio Gonçalves**, e a minha cunhada, **Natasha Lins**, que sempre me incentivaram a seguir o caminho do conhecimento, vocês contribuíram para a minha formação e crescimento pessoal, muito obrigado por estarem sempre ao meu lado, e por me ensinarem o valor do apoio familiar.

Aos meus colegas de trabalho, sou grata por suas valiosas críticas construtivas e pelo suporte em inúmeras apresentações. Um agradecimento especial ao meu amigo, **Alison Kauan**, com quem estou realizando este trabalho de conclusão de curso e que esteve ao meu lado em todos os momentos, compartilhando as alegrias e desafios desta jornada.

Gostaria de expressar a minha gratidão a minha orientadora **Nágila Cirino** por toda orientação e paciência ao longo deste trabalho, seu conhecimento, apoio e incentivo foram fundamentais para concluir este projeto, sou muito grata por ter tido você como orientadora!

A todos, meu reconhecimento e apreço.

“O farmacêutico vai do natural puro à extração. Transforma-os em síntese, fórmula e dispensação. Orienta racionalmente as doses de cura ou conforto. Tudo isso, sustentado pela responsabilidade de sua imprescindível missão.” (Tatiane Dias Moura)

RESUMO

O estudo aborda o uso de psicotrópicos em pacientes de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e o papel crucial do farmacêutico na análise do uso abusivo de desses medicamentos. Psicofármacos, como benzodiazepínicos, opioides e antipsicóticos, são amplamente utilizados em UTIs para controlar sintomas de ansiedade, dor e agitação, garantindo conforto e estabilidade aos pacientes críticos. No entanto, o uso inadequado e prolongado pode resultar em dependência, interações medicamentosas perigosas e efeitos colaterais graves, como depressão respiratória e disfunções cardíacas. O objetivo da pesquisa é analisar o papel do farmacêutico na identificação, monitoramento e controle do uso abusivo de psicotrópicos em pacientes de Unidade de Terapia Intensiva, com foco na prevenção de reações adversas e na promoção da segurança do paciente. A metodologia adotada foi uma revisão bibliográfica qualitativa e exploratória de artigos científicos e bases de dados, com foco na atuação do farmacêutico no controle de psicotrópicos em pacientes críticos. Os resultados mostram que a intervenção farmacêutica é fundamental para reduzir erros de medicação, promover o uso racional dos medicamentos e melhorar a segurança do paciente. Em muitos casos, a revisão farmacêutica permitiu a descontinuação de medicamentos desnecessários, evitando o agravamento de efeitos colaterais e otimizando o tratamento dos pacientes. Conclui-se que o farmacêutico desempenha um papel essencial na segurança e eficácia do tratamento em UTIs, promovendo o uso correto de psicotrópicos, monitorando possíveis efeitos adversos e interações medicamentosas, e colaborando na redução dos custos hospitalares e na melhoria da qualidade do atendimento.

Palavras-chave: Farmacêutico. Psicotrópicos. Unidade de Terapia Intensiva. Uso abusivo.

ABSTRACT

The study addresses the use of psychotropic drugs in Intensive Care Unit (ICU) patients and the crucial role of the pharmacist in analyzing the abusive use of these medications. Psychotropic drugs, such as benzodiazepines, opioids, and antipsychotics, are widely used in ICUs to control symptoms of anxiety, pain, and agitation, ensuring comfort and stability for critically ill patients. However, inappropriate and prolonged use can lead to dependence, dangerous drug interactions, and severe side effects, such as respiratory depression and cardiac dysfunction. The objective of the research is to analyze the pharmacist's role in identifying, monitoring, and controlling the abusive use of psychotropic drugs in Intensive Care Unit patients, focusing on preventing adverse reactions and promoting patient safety. The adopted methodology was a qualitative and exploratory bibliographic review of scientific articles and databases, focusing on the pharmacist's role in controlling psychotropic drugs in critically ill patients. The results show that pharmaceutical intervention is essential to reduce medication errors, promote the rational use of drugs, and improve patient safety. In many cases, pharmaceutical review allowed for the discontinuation of unnecessary medications, preventing the worsening of side effects and optimizing patient treatment. It is concluded that the pharmacist plays an essential role in the safety and effectiveness of treatment in ICUs, promoting the correct use of psychotropic drugs, monitoring potential adverse effects and interactions, and contributing to the reduction of hospital costs and the improvement of care quality.

Keywords: Pharmacist. Psychotropic drugs. Intensive Care Unit. Abusive use.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Seleção dos recursos de literatura encontrados em fontes eletrônicas e físicas.....	40
Quadro 01 – Estudos sobre o papel do farmacêutico no controle do uso abusivo de psicotrópicos.....	41

LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

APR – Análise Preliminar de Riscos

BVS – Biblioteca Virtual em Saúde

CFF – Conselho Federal de Farmácia

CRF-SP – Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo

FMEA – Análise de Modos e Efeitos de Falhas

MS – Ministério da Saúde

OMS – Organização Mundial da Saúde

PM – Medicamentos Psicoativos

SUS – Sistema Único de Saúde

UTI – Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 A HISTÓRIA DA FARMÁCIA	15
2.1.1 A evolução da Farmácia no Brasil	16
2.1.2 Impacto da Indústria Farmacêutica e mudanças Curriculares	18
2.2 ATRIBUIÇÕES DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO.....	19
2.2.1 Áreas de atuação e classificação do Farmacêutico.....	21
2.2.2 Atuação do Farmacêutico na prática clínica.....	23
2.2.3 Gerenciamento de Riscos: Conceitos e Tipos	26
2.3 MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS.....	27
2.3.1 Riscos Dos Medicamentos Psicotrópicos por pacientes em UTI.....	30
2.4 A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO FARMACÊUTICO	34
3 METODOLOGIA	37
3.1 TIPO DE ESTUDO	37
3.2 SELEÇÃO DOS ESTUDOS	38
3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	38
3.4 ANÁLISE DOS ESTUDOS SELECIONADOS	39
3.5 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	40
3.6 SÍNTESE DOS DADOS	41
4 RESULTADO E DISCUSSÃO	46
4.1 USO DE PSICOTRÓPICOS EM UTI: DESAFIOS E CONSIDERAÇÕES	46
4.2 CONTINUIDADE DO USO DE PSICOTRÓPICOS APÓS ALTA DA UTI	47
4.3 PREVALÊNCIA DO USO DE PSICOTRÓPICOS E IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE PÚBLICA.....	48
4.4 ATENÇÃO FARMACÊUTICA NO USO DE PSICOTRÓPICOS EM POPULAÇÃO ESPECÍFICA	49
4.5 MEDICALIZAÇÃO E USO PROLONGADO DE PSICOTRÓPICOS	50
4.6 ATUAÇÃO DO FARMACÊUTICO NO AMBIENTE HOSPITALAR E UTI	51
4.7 DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A ATUAÇÃO FARMACÊUTICA	53
4.8 PERSPECTIVAS FUTURAS.....	54
5 CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS.....	57

1 INTRODUÇÃO

É frequente o uso de psicotrópicos em tratamento intensivo de pacientes em estado grave, e que possuem chance de sobrevivência, porém, necessitam de monitorização constante. Figueiredo (2015) define que os psicotrópicos são fármacos que atuam sobre o sistema nervoso central, onde alteram a função cerebral e por isso requerem um controle especial, para mais a analgesia e a sedação se dão principalmente pelo conforto do paciente, redução do estresse, evitar retardo na recuperação e liberação da ventilação mecânica.

Os psicotrópicos são essenciais no manejo de sintomas em pacientes críticos, mas Molck *et al.*, (2021) esclarece que há exigência de vigilância rigorosa devido a potenciais efeitos adversos e interações medicamentosas. Na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), onde a polifarmácia é comum, o risco de complicações aumenta, destacando a importância do farmacêutico. Este profissional, conforme Souza *et al.*, (2020) é crucial na análise e ajuste de prescrições, além de educar a equipe de saúde e implementar protocolos de uso racional de medicamentos. Sua atuação garante a segurança e eficácia do tratamento, minimizando riscos e promovendo o bem-estar dos pacientes em recuperação.

Os questionamentos que impulsionaram a pesquisa foram: quais são os possíveis efeitos que o uso inadequado e excessivo dos psicotrópicos podem causar nos pacientes? Quais as possíveis interações medicamentosas esses fármacos podem apresentar? Quem tem vulnerabilidade a ter transtornos psicóticos ou quadro demenciais podem ter estes problemas desencadeados? Qual a importância da análise de prescrição e qual o posicionamento do farmacêutico mediante essas situações?

A análise de prescrição é crucial para garantir a segurança do paciente, e o farmacêutico desempenha um papel fundamental nesse processo. Ele deve monitorar as doses administradas, identificar interações medicamentosas e ajustar as terapias conforme necessário. A farmacovigilância é essencial para determinar até que ponto a dose terapêutica pode se tornar tóxica, especialmente em pacientes que fazem uso de polifarmácia.

O objetivo deste trabalho é analisar o papel do farmacêutico na identificação, monitoramento e controle do uso abusivo de psicotrópicos em pacientes de Unidade de Terapia Intensiva, com foco na prevenção de reações adversas e na promoção

da segurança do paciente. Além disso, busca-se analisar a continuidade do uso de psicotrópicos após a alta da UTI, comprovar a atuação da atenção farmacêutica no uso de psicotrópicos em população específica e evidenciar o papel do farmacêutico na equipe multidisciplinar para garantir o uso seguro e racional de psicotrópicos em ambiente hospitalar.

Justifica-se a escolha do tema por ser de grande relevância no cotidiano dos profissionais de saúde, que lidam diariamente com pacientes em estado crítico. O interesse pelos fármacos psicoativos surge da necessidade de avaliar sua atuação em contextos hospitalares, especialmente em dosagens extremas, visando compreender o papel do farmacêutico na análise e auxílio na prescrição médica.

Para a realização deste estudo, foi adotada uma abordagem qualitativa, de cunho exploratório, com o objetivo de caracterizar e definir o problema. A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão integrativa literária. O trabalho está estruturado em cinco capítulos: o primeiro capítulo apresenta a introdução ao tema; o segundo capítulo aborda o referencial teórico, que inclui o aspecto histórico da farmácia, as atribuições do profissional farmacêutico, os medicamentos psicotrópicos e a unidade de terapia intensiva; o terceiro capítulo detalha a metodologia utilizada na pesquisa; o quarto capítulo discute os resultados obtidos e as implicações dos achados.

Por fim, o quinto capítulo apresenta a conclusão que destaca a complexidade e a importância do papel do farmacêutico em UTI especialmente no uso de psicotrópicos. Enfatiza que, embora comuns, esses medicamentos apresentam riscos significativos, como delirium, dependência e complicações cardiovasculares e respiratórias.

O farmacêutico é essencial na equipe multidisciplinar, atuando na revisão e ajuste de prescrições e na educação de pacientes e profissionais de saúde. Suas intervenções têm um impacto clínico e econômico significativo, reduzindo erros de medicação e otimizando a terapia, o que sublinha a necessidade de mais estudos sobre tais impactos para fundamentar a política de saúde.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A HISTÓRIA DA FARMÁCIA

A trajetória da farmácia é intricada e multifacetada, com raízes que se estendem aos tempos remotos, quando as formas de tratamento estavam fortemente ligadas a práticas espirituais e místicas. Na Mesopotâmia antiga, havia a crença de que as enfermidades eram provocadas por forças além da compreensão humana, e os cuidados incluíam tanto rituais religiosos quanto a utilização de ervas medicinais, conforme observam Menezes e Dias (2005).

Essa intersecção entre espiritualidade e medicina foi um aspecto comum nas civilizações antigas, como no Egito, onde as práticas de cura também estavam profundamente entrelaçadas com as crenças religiosas (Dias, 2005). Ao longo dos anos, a medicina e a farmácia passaram a se distanciar da religião, sinalizando o começo do aprimoramento de práticas farmacêuticas mais organizadas.

Na Grécia antiga, Hipócrates, considerado o fundador da medicina, apresentou a teoria dos quatro humores, que teve um impacto significativo nas práticas médicas e farmacêuticas, conforme relatado por Angelova (2018). Segundo essa teoria, a saúde dependia do equilíbrio entre sangue, fleuma, bÍlis amarela e bÍlis negra, e a farmácia ocidental começou a se desenvolver fundamentada nesses conceitos.

Na Idade Média, a atividade farmacêutica avançou de maneira significativa, especialmente devido à contribuição dos árabes, que foram os primeiros a distinguir as práticas de medicina e farmácia. Segundo Aguiar (2004) eles criaram novas formas de medicamentos, como xaropes e elixires, e fundaram as primeiras farmácias, que se pareciam com as boticas atuais. Essa época também testemunhou o aparecimento dos primeiros compêndios farmacêuticos, que continham receitas e técnicas de elaboração de remédios.

Durante o Renascimento, a farmácia experimentou uma mudança importante com a incorporação de técnicas químicas na fabricação de medicamentos. Paracelso, uma figura proeminente desse período, contestou as abordagens médicas convencionais e promoveu a utilização de compostos químicos puros para tratar enfermidades, conforme mencionado por Basso (2004). Ele sustentava que as

doenças resultavam de desajustes químicos no organismo, uma concepção inovadora que abriu portas para a farmacologia contemporânea.

A farmácia prosseguiu sua evolução ao longo dos séculos seguintes, com a introdução de novas práticas e a especialização dos profissionais do setor. No século XVIII, a farmácia química emergiu como uma área relevante, com grande influência das teorias de Paracelso. Assim, os farmacêuticos começaram a ser valorizados como profissionais cruciais na formulação e fornecimento de medicamentos (Basso, 2004). Esse reconhecimento foi oficialmente consolidado em diversos países, incluindo Portugal, onde a distinção entre médicos e farmacêuticos tornou-se um aspecto legal.

Durante o século XIX, a profissão farmacêutica passou a se estruturar de maneira mais organizada, com a fundação de instituições de ensino voltadas para a área e a formalização das normas que regem a atividade. No Brasil, a primeira escola de farmácia foi estabelecida em Ouro Preto no ano de 1839, simbolizando o começo da capacitação formal de farmacêuticos no território nacional, segundo Pereira e Nascimento (2011). Essa formalização da educação na farmácia foi fundamental para o avanço da profissão e para o aprimoramento dos serviços de saúde.

A trajetória da farmácia é, assim, uma história de constante evolução, motivada por descobertas científicas e transformações sociais. Desde suas raízes associadas ao misticismo até seu desenvolvimento como uma disciplina científica sólida, a farmácia teve um papel crucial na promoção da saúde das pessoas. Ao longo do tempo, essa profissão se ajustou e expandiu, sempre em busca de novas abordagens para satisfazer as demandas de saúde da população.

2.1.1 A evolução da Farmácia no Brasil

A história da farmácia no Brasil é caracterizada por diversas alterações que espelham as transformações sociais, políticas e científicas do país. Desde a época dos colonizadores portugueses, que introduziram práticas farmacêuticas da Europa, até a formação de uma identidade própria na farmácia brasileira, o setor experimentou várias etapas importantes, conforme registrado por Pereira e Nascimento (2011). No começo, as boticas eram os principais locais de atendimento à saúde, onde os boticários preparavam e comercializavam remédios.

No século XIX, a farmácia no Brasil passou a se organizar de maneira mais estruturada com a fundação da primeira escola de farmácia em Ouro Preto, em 1839. Esta instituição desempenhou um papel crucial na capacitação de profissionais competentes e na propagação de saberes científicos na área. A partir desse momento, a profissão farmacêutica começou a ser apreciada e a adquirir relevância no contexto nacional (Pereira; Nascimento, 2011).

No decorrer do século XX, a farmácia no Brasil viveu um período de mudanças, impulsionado pela expansão da indústria farmacêutica e pela atualização dos serviços de saúde. A regulamentação da profissão e a formação de conselhos regionais e federais de farmácia foram ações significativas para assegurar a qualidade dos atendimentos e salvaguardar a saúde da população, conforme abordado por Angonesi e Sevalho (2010). Essas iniciativas contribuíram para solidificar a farmácia como uma profissão fundamental dentro do sistema de saúde Brasileiro.

Segundo o Ministério da Saúde (MS), a partir dos anos 60, o Brasil iniciou a implementação de modelos de assistência farmacêutica mais coesos, com ênfase na promoção do uso racional de medicamentos e na segurança do paciente. Essa transformação foi motivada por políticas de saúde que passaram a valorizar o papel do farmacêutico como membro essencial da equipe de saúde, a farmácia deixou de ser apenas um espaço de distribuição de medicamentos e passou a ser reconhecida como um ambiente de atenção e aconselhamento ao paciente (BRASIL, 2014).

Recentemente, a atuação das farmácias no Brasil tem se desenvolvido significativamente com a criação de consultórios farmacêuticos e a expansão das funções clínicas dos farmacêuticos. Essas transformações indicam uma tendência mundial de reconhecimento da importância do farmacêutico na prática clínica e na melhoria dos resultados em saúde, conforme destacado por Correr *et al.* (2013). Atualmente, os farmacêuticos exercem um papel fundamental na administração da terapia medicamentosa e na promoção da educação em saúde, trabalhando em conjunto com outros profissionais da área.

Ademais, as farmácias brasileiras têm aproveitado inovações tecnológicas que aprimoraram a exatidão e a eficiência dos serviços oferecidos. A automação de procedimentos e a implementação de sistemas de informação possibilitaram uma administração mais eficiente dos medicamentos e uma comunicação aprimorada entre os profissionais da saúde, conforme apontado pelo MS (BRASIL, 2020). Essas

melhorias têm favorecido a segurança dos pacientes e a melhor utilização dos recursos disponíveis na área da saúde.

A história da farmácia no Brasil é marcada por transformações e inovações. Desde seus primórdios na época colonial até se tornar uma parte essencial do sistema de saúde contemporâneo, a farmácia brasileira tem se adaptado para responder às demandas de uma população em evolução. Com uma ênfase crescente na prática clínica e na colaboração entre diferentes áreas, a farmácia no Brasil está preparada para lidar com os desafios que o futuro reserva para a saúde pública.

2.1.2 Impacto da Indústria Farmacêutica e mudanças Curriculares

O impacto da indústria farmacêutica na farmácia é um fenômeno global que também se manifestou de forma significativa no Brasil. A partir do século XX, a indústria farmacêutica começou a se expandir rapidamente, trazendo consigo avanços tecnológicos e científicos que transformaram a prática farmacêutica, conforme discutido por Angonesi e Sevalho (2010). Essa expansão foi acompanhada por uma crescente demanda por medicamentos industrializados, que passaram a ser produzidos em larga escala.

Com o crescimento da indústria farmacêutica, a farmácia passou por uma fase de transição, onde o foco começou a se deslocar da manipulação artesanal de medicamentos para a dispensação de produtos industrializados. Essa mudança teve um impacto profundo na formação e nas práticas dos farmacêuticos, que precisaram se adaptar a um novo cenário de mercado e a novas exigências regulatórias, como observado por Perini e Acúrcio (2001). A farmácia deixou de ser vista apenas como um local de manipulação e passou a ser um ponto de distribuição de medicamentos.

As mudanças curriculares nos cursos de farmácia foram uma resposta necessária a essas transformações. A partir dos anos 2000, o Ministério da Educação no Brasil implementou novas diretrizes curriculares que visavam formar farmacêuticos com uma visão mais ampla e integrada da saúde, conforme Dourado e Coelho (2010). Essas diretrizes enfatizaram a importância de conhecimentos em farmacologia clínica, gestão de medicamentos e cuidado ao paciente, preparando os profissionais para atuar em um ambiente de saúde cada vez mais complexo.

Além disso, a regulamentação da prescrição farmacêutica e a ampliação das atribuições clínicas dos farmacêuticos foram passos importantes para fortalecer o papel do farmacêutico no cuidado à saúde. Essas mudanças permitiram que os farmacêuticos se envolvessem mais diretamente na gestão da farmacoterapia e na promoção do uso racional de medicamentos, colaborando com médicos e outros profissionais de saúde para melhorar os resultados terapêuticos, conforme estabelecido pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF) (BRASIL, 2013).

O impacto da indústria farmacêutica também trouxe desafios, como a necessidade de garantir a segurança e a eficácia dos medicamentos em um mercado em rápida expansão. A vigilância sanitária e a regulamentação rigorosa tornaram-se essenciais para proteger a saúde pública e garantir que os medicamentos disponíveis no mercado fossem seguros e eficazes, como destacado pela ANVISA (2020). Os farmacêuticos desempenham um papel crucial nesse processo, monitorando o uso de medicamentos e educando os pacientes sobre seus efeitos.

A relação entre a indústria farmacêutica e a farmácia é, portanto, uma dinâmica complexa que continua a evoluir. Enquanto a indústria farmacêutica impulsiona inovações e avanços no tratamento de doenças, a farmácia deve garantir que esses avanços sejam traduzidos em benefícios reais para os pacientes (Angelova, 2018). Isso requer uma formação contínua e uma adaptação constante às novas tecnologias e práticas de saúde.

O impacto da indústria farmacêutica e as mudanças curriculares refletem a necessidade de uma farmácia moderna que seja capaz de responder aos desafios de um sistema de saúde em constante evolução. Com uma formação sólida e um compromisso com a ética e a segurança, os farmacêuticos estão bem posicionados para contribuir significativamente para a saúde e o bem-estar da sociedade.

2.2 ATRIBUIÇÕES DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO

O farmacêutico é um especialista em saúde cuja relevância tem aumentado consideravelmente nos últimos anos. Sua função vai além da mera entrega de remédios, englobando diversas responsabilidades que buscam assegurar a segurança e a eficácia das terapias. De acordo com Silva (2017), o farmacêutico é

um elemento fundamental na promoção da saúde coletiva, atuando de forma vital na orientação dos pacientes e na mitigação de riscos ligados ao uso de fármacos.

A farmacologia contemporânea requer que os profissionais se mantenham atualizados em relação às mais recentes investigações e inovações no setor de fármacos. Isso abrange não somente a familiaridade com novas medicações e suas utilizações, mas também uma análise aprofundada das interações entre medicamentos e dos possíveis efeitos adversos. Segundo Amariles *et al.* (2020), o farmacêutico deve ser apto a interpretar informações clínicas e integrar esse saber em sua rotina profissional para maximizar os resultados terapêuticos.

Ademais, o farmacêutico tem o papel de educador, oferecendo orientações essenciais aos pacientes sobre como utilizar os medicamentos de maneira adequada e segura. Essa função inclui esclarecer as diretrizes de dosagem, abordar possíveis efeitos adversos e interações, além de reforçar a relevância de seguir o plano de tratamento recomendado. Segundo Lima *et al.* (2017), essa atividade educativa é fundamental para aumentar a adesão ao tratamento e minimizar a probabilidade de complicações.

O papel do farmacêutico abrange igualmente a promoção do uso consciente de medicamentos. Isso implica assegurar que os fármacos sejam administrados de forma correta, segura e eficiente, reduzindo o desperdício e prevenindo o uso excessivo ou impróprio. Segundo Marques e Baiense (2021), é fundamental que o farmacêutico atue em conjunto com outros profissionais da saúde para criar e aplicar estratégias de uso racional de medicamentos.

O farmacêutico exerce uma função fundamental na administração de tratamentos com medicamentos, particularmente em hospitais. Sua atuação envolve verificar as prescrições médicas para assegurar que sejam corretas e seguras, além de acompanhar constantemente os pacientes para analisar a eficácia e a segurança das terapias. De acordo com Capucho *et al.* (2008), essa vigilância é crucial para evitar erros na medicação e aprimorar os resultados dos tratamentos.

O farmacêutico também precisa atuar na investigação e criação de novos fármacos. Isso pode abranger a participação em testes clínicos, a interpretação de dados de estudos e a cooperação com outros pesquisadores na elaboração de tratamentos inovadores. Barros e colegas (2016) ressaltam que a pesquisa na área farmacêutica está em expansão e proporciona diversas chances para que os profissionais da farmácia colaborem com o progresso da ciência médica.

O papel do farmacêutico abrange também a administração de farmácias e diversas instituições de saúde. Isso requer a supervisão da equipe, a manutenção da conformidade com as normas de saúde e segurança, além da adoção de práticas gerenciais que visem aprimorar a eficiência e a qualidade dos serviços oferecidos. De acordo com Nunes *et al.* (2008), competências de gestão são fundamentais para o êxito na prática farmacêutica contemporânea.

Finalmente, o farmacêutico precisa se dedicar ao aprimoramento profissional constante. Isso envolve estar presente em programas de educação continuada, acompanhar as novidades em pesquisas e práticas no campo da farmácia, e procurar maneiras de desenvolver suas competências e saberes. Dias *et al.* (2005) destacam que o engajamento com a formação contínua é essencial para que os farmacêuticos consigam proporcionar o melhor atendimento possível aos seus pacientes.

2.2.1 Áreas de atuação e classificação do Farmacêutico

O profissional farmacêutico opera em múltiplos setores, cada um com suas funções particulares. Nas farmácias de saúde pública, sua principal tarefa é a distribuição de medicamentos e a orientação dos pacientes quanto à correta administração destes. Essa função é fundamental para assegurar que os pacientes sigam corretamente os tratamentos e para reduzir a possibilidade de efeitos colaterais, como enfatizado por Amariles *et al.* (2020). Ademais, o farmacêutico em farmácias comunitárias também exerce uma função educativa, realizando campanhas que visam aumentar a conscientização sobre o uso responsável de medicamentos.

No contexto hospitalar, o farmacêutico clínico desempenha uma função bastante intrincada, que abrange a revisão de receitas médicas, a colaboração em equipes interdisciplinares e a supervisão de tratamentos medicamentosos. Conforme afirmam Lima *et al.* (2017), a atuação do farmacêutico nas instituições de saúde é essencial para evitar equívocos relacionados à medicação e para melhorar os resultados dos tratamentos. O trabalho do farmacêutico em ambiente hospitalar é guiado por normas estritas que têm como objetivo assegurar a segurança dos pacientes e a efetividade das terapias.

Os consultórios de farmácia constituem um campo de atuação recente, mas em expansão, no qual o farmacêutico é capaz de proporcionar um atendimento mais individualizado. Conforme afirmam Marques e Baiense (2021), esses consultórios possibilitam que os profissionais efetuem análises minuciosas das necessidades dos pacientes, adaptem tratamentos e forneçam orientações sobre saúde e qualidade de vida. Essa relação próxima com o paciente torna mais fácil a detecção de questões potenciais e a realização de intervenções antecipadas.

Além dessas áreas, o farmacêutico pode desenvolver sua carreira em fábricas de medicamentos, laboratórios de análises clínicas, instituições educacionais e de pesquisa, além de agências reguladoras. Cada um desses setores requer habilidades específicas e proporciona oportunidades distintas para que o farmacêutico contribua para a saúde pública (Nunes *et al.*, 2008). A categorização das áreas de atuação do farmacêutico pode ser realizada considerando o local de trabalho (comunitário, hospitalar, industrial, acadêmico) e as atividades que ele desempenha (distribuição, pesquisa, ensino, regulação).

A participação no setor farmacêutico abrange a criação, fabricação e supervisão da qualidade de medicamentos. O farmacêutico que atua na indústria precisa assegurar que os produtos sejam elaborados em conformidade com as diretrizes de segurança e eficácia, além de se envolver na concepção de novas formulações e inovações tecnológicas. De acordo com Capucho *et al.* (2008), esse campo proporciona diversas oportunidades para inovação e progresso tecnológico.

Nos laboratórios de análises clínicas, o farmacêutico pode atuar na avaliação e interpretação de resultados de exames, ajudando no diagnóstico e na supervisão de doenças. Barros *et al.* (2016) ressaltam que essa área requer uma grande precisão e uma atenção minuciosa, além de um conhecimento sólido em bioquímica e microbiologia.

Dentro do ambiente acadêmico, o farmacêutico desempenha papéis importantes como educador e pesquisador, ajudando a moldar novos profissionais e promovendo o progresso do conhecimento científico. Segundo Nunes *et al.* (2008), a educação e a pesquisa são elementos fundamentais para a prática farmacêutica, viabilizando que os farmacêuticos transmitam seu saber e vivências a futuros profissionais da área.

2.2.2 Atuação do Farmacêutico na prática clínica

A carreira na área farmacêutica sofreu mudanças importantes ao longo do tempo, especialmente no que se refere à farmácia clínica, onde o farmacêutico exerce uma função vital na gestão segura e eficiente de medicamentos. De acordo com as normativas do CFF, as atribuições clínicas regulamentadas acentuam o papel do farmacêutico na promoção e recuperação da saúde, como apontam Angonesi e Sevalho (2010).

A farmácia clínica tornou-se uma parte crucial nas instituições de saúde, como hospitais e unidades de saúde primária, onde o farmacêutico trabalha em colaboração com outros profissionais da saúde. Essa parceria é vital para a detecção e solução de questões ligadas aos medicamentos, assegurando um tratamento mais seguro e eficiente para os pacientes, conforme afirmam KJELDSEN *et al.* (2014). A atuação clínica do farmacêutico é respaldada por leis que estabelecem suas funções e deveres, favorecendo um ambiente de cuidados voltado para o paciente (BRASIL, 2013a).

A atenção farmacêutica é uma abordagem que tem como objetivo aprimorar a qualidade de vida dos pacientes por meio do uso adequado de medicamentos. O farmacêutico clínico desempenha uma função crucial ao orientar os pacientes sobre o uso apropriado dos medicamentos, evitando interações indesejadas e incentivando a adesão ao tratamento, conforme afirmam Diniz *et al.* (2015). A inclusão do farmacêutico em equipes multiprofissionais de saúde possibilita uma forma de cuidado mais integrada e adaptada às necessidades dos pacientes (Okumura *et al.*, 2016).

As investigações realizadas por Chamoun e colaboradores (2016) evidenciam que a atuação do farmacêutico clínico tem o potencial de diminuir de maneira significativa os erros na administração de medicamentos e aprimorar os resultados dos tratamentos. A atuação clínica do farmacêutico é uma ferramenta eficaz na promoção da saúde, pois possibilita a detecção antecipada de questões e a aplicação de soluções apropriadas (Reis *et al.*, 2013). Assim, a farmácia clínica não apenas complementa, mas também amplifica a assistência farmacêutica, estabelecendo um ciclo de cuidado que é contínuo e integrado (BRASIL, 2013a).

O desenvolvimento da farmácia clínica no Brasil reflete as transformações nas políticas de saúde e a maior necessidade por serviços mais eficazes e seguros. A

formalização das atividades clínicas dos farmacêuticos, que começou em 2013, representou um momento significativo para a profissão, esclarecendo suas atribuições e deveres (Campese *et al.*, 2016). Essa formalização possibilitou aos farmacêuticos expandirem suas funções, prestando serviços como acompanhamento farmacoterapêutico e análise de medicamentos (BRASIL, 2013b).

Vieira *et al.* (2018) afirmam que a atuação clínica do farmacêutico se configura como uma resposta às demandas da sociedade por cuidados de saúde mais individualizados e eficientes. Por meio da farmácia clínica, o farmacêutico desempenha um papel crucial na melhoria dos cuidados de saúde, garantindo o uso seguro e adequado dos medicamentos. Assim, a intervenção do farmacêutico na prática clínica é fundamental para a promoção da saúde e do bem-estar dos pacientes (BRASIL, 2014).

A atuação do farmacêutico no cenário clínico tem demonstrado efeitos benéficos, promovendo avanços consideráveis na segurança e eficácia das terapias. Conforme afirmam Oliveria *et al.* (2022), a farmácia clínica possibilita que o farmacêutico se envolva diretamente no cuidado ao paciente, abrangendo desde a etapa de prescrição até o monitoramento do tratamento. Essa contribuição é fundamental para assegurar que os pacientes desfrutem do atendimento de alta qualidade, fundamentado em evidências científicas e práticas seguras.

A farmácia clínica é um campo em contínua transformação, motivado por inovações científicas e alterações nas diretrizes de saúde. A importância do farmacêutico clínico está sendo cada vez mais valorizada como fundamental para garantir um atendimento à saúde de qualidade (Diniz *et al.*, 2015). A atuação do farmacêutico na clínica surge como uma solução para atender às solicitações de um sistema de saúde mais eficaz e focado nas necessidades dos pacientes.

A farmácia clínica se configura como um campo repleto de possibilidades para que o farmacêutico colabore na saúde e no bem-estar dos pacientes (BRASIL, 2013a). Por meio de abordagens clínicas bem definidas, o farmacêutico tem a capacidade de exercer uma função vital na aprimoração dos serviços de saúde, conforme apontam Campese *et al.* (2016).

O exercício profissional do farmacêutico na área clínica proporciona diversas possibilidades para que esse profissional desempenhe um papel significativo na saúde e no bem-estar dos indivíduos. A farmácia clínica se encontra em um contínuo processo de transformação, influenciada por progressos científicos e

alterações nas diretrizes de saúde (BRASIL, 2013b). Segundo Vieira *et al.* (2018), a função do farmacêutico clínico é cada vez mais valorizada, sendo considerada fundamental para garantir um atendimento de saúde de excelência.

O farmacêutico clínico desempenha um papel estratégico na detecção e prevenção de problemas relacionados à farmacoterapia. A farmácia clínica apresenta diversas oportunidades para que os farmacêuticos possam influenciar positivamente a saúde e o bem-estar dos pacientes, conforme estabelecido na Resolução nº 585 de 29 de agosto de 2013 do CFF. Por meio de práticas clínicas adequadas, o farmacêutico pode atuar de maneira significativa na melhoria dos cuidados de saúde (Diniz *et al.*, 2015).

A farmácia clínica representa um campo que requer elevado grau de habilidade e dedicação do farmacêutico. A atuação clínica desse profissional é um setor em contínua evolução, com a emergência de novas oportunidades e desafios a cada dia (Oliveira *et al.*, 2022). O farmacêutico clínico é um especialista que busca incessantemente formas de aprimorar o atendimento ao paciente e fomentar a saúde.

De acordo com a Resolução do CFF (BRASIL, 2013a), a atuação do farmacêutico na prática clínica é um campo repleto de oportunidades para que esses profissionais possam promover a saúde e o bem-estar dos pacientes. A farmácia clínica é um setor em contínua transformação, estimulada por inovações científicas e alterações nas políticas de saúde. A função do farmacêutico clínico tem ganhado reconhecimento crescente como fundamental para garantir um atendimento de saúde de alta qualidade (Angonesi; Sevalho, 2010).

Campese *et al.* (2016) afirmam que por meio de práticas clínicas consolidadas, o farmacêutico pode ter um papel fundamental na otimização dos cuidados de saúde. A farmácia clínica representa um campo que proporciona diversas possibilidades para que o farmacêutico colabore com a saúde e o bem-estar dos pacientes (BRASIL, 2013b).

A farmácia clínica é um campo que requer elevado grau de habilidade e dedicação do farmacêutico. Segundo Chamoun *et al.* (2016), a atuação clínica desse profissional está em contínua evolução, apresentando novas oportunidades e desafios cotidianamente. O farmacêutico clínico busca constantemente formas inovadoras de aprimorar o atendimento ao paciente e promover a saúde (Reis *et al.*, 2013).

A atuação do farmacêutico na clínica representa um campo repleto de oportunidades para melhorar a saúde e o bem-estar dos pacientes. A farmácia clínica é um setor que está sempre em desenvolvimento, impulsionado por descobertas científicas e alterações nas diretrizes de saúde (BRASIL, 2013a). A importância do farmacêutico clínico é crescente, sendo cada vez mais reconhecida como fundamental para garantir um atendimento de saúde de alto padrão (Vieira *et al.*, 2018).

2.2.3 Gerenciamento de Riscos: Conceitos e Tipos

A gestão de riscos é uma das responsabilidades mais relevantes do profissional farmacêutico, especialmente no que diz respeito à entrega de medicamentos. A detecção e minimização dos riscos relacionados ao uso de medicamentos são cruciais para assegurar a segurança do paciente. De acordo com Capucho *et al.* (2008), a gestão de riscos abrange a avaliação de possíveis falhas nos procedimentos de dispensação e a adoção de estratégias preventivas para impedir a ocorrência de eventos indesejados.

Na área farmacêutica, existem diversas abordagens de gestão de riscos que podem ser implementadas. A Análise de Modos e Efeitos de Falhas (FMEA) é uma metodologia amplamente reconhecida que facilita a identificação e a priorização de riscos nos processos farmacêuticos. Barros *et al.*, (2016) apontam que a utilização do FMEA em farmácias de hospitais tem demonstrado resultados benéficos na diminuição de erros na administração de medicamentos e na elevação da segurança dos pacientes. Essa metodologia sistemática auxilia os farmacêuticos a reconhecerem áreas críticas nos procedimentos e a elaborar estratégias eficientes para sua minimização.

Outro modelo de gestão de riscos é a Análise Preliminar de Riscos (APR), empregada na detecção de riscos potenciais em novos processos ou produtos antes de sua execução. Conforme mencionado por Souza (2000), a APR se mostra adequada nas etapas iniciais de projetos, facilitando a identificação de riscos e a adoção de ações preventivas antes que os desafios se concretizem. Essa estratégia proativa é essencial para assegurar a segurança e a eficácia de novos produtos e processos.

Adicionalmente, a gestão de riscos envolve o acompanhamento constante e a adaptação a novas normas e orientações de segurança. A farmacovigilância é um componente fundamental desse procedimento, possibilitando que os farmacêuticos supervisionem a segurança dos fármacos após sua introdução no mercado e reportem efeitos adversos. Dias *et al.*, (2005) destacam que o envolvimento dos farmacêuticos em iniciativas de farmacovigilância é vital para a constante evolução dos critérios de segurança dos medicamentos.

A cooperação entre farmacêuticos e outros membros da equipe de saúde é crucial para uma gestão de riscos eficiente. De acordo com Hinrichsen *et al.* (2011), a comunicação transparente e a troca de dados entre médicos, enfermeiros e farmacêuticos são vitais para a detecção precoce de riscos e a adoção de ações corretivas. Essa estratégia colaborativa não apenas aumenta a segurança dos pacientes, mas também potencializa a eficácia das terapias.

Finalmente, a função do farmacêutico na gestão de riscos inclui a promoção de práticas éticas e responsáveis ao longo de todas as fases da dispensação. Conforme destacado por Silva (2017), os profissionais da farmácia precisam seguir rigorosos princípios éticos, assegurando que suas decisões estejam sempre orientadas pela preocupação com a segurança e o bem-estar dos pacientes. Essa integridade no exercício da profissão é crucial para preservar a confiança da sociedade nas atividades farmacêuticas e para fomentar a saúde e a segurança da comunidade.

Assim, o farmacêutico se apresenta como um profissional versátil, exercendo funções que vão desde a orientação ao paciente até a administração de riscos. Seu envolvimento em diversas áreas da saúde é fundamental para assegurar a segurança e a eficácia dos tratamentos com medicamentos, além de favorecer a saúde pública e o bem-estar dos indivíduos.

2.3 MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS

Os fármacos psicotrópicos são compostos que afetam o sistema nervoso central, alterando as funções do cérebro e provocando mudanças no comportamento, humor e processos cognitivos. Conforme Almeida (2006) e Delucia

et al. (2014), tais fármacos se dividem em três grupos principais: estimulantes, depressores e alucinógenos. Cada um desses grupos apresenta particularidades que impactam o funcionamento mental e físico das pessoas.

Os estimulantes são substâncias que aceleram a função do sistema nervoso central, proporcionando um aumento na vigilância, energia e, em algumas ocasiões, uma sensação de euforia. Carlini *et al.* (2001) mencionam que a cocaína e as anfetaminas são exemplos notáveis dessa classe. Embora possam ter aplicações terapêuticas, especialmente no tratamento do transtorno de déficit de atenção, o uso constante pode resultar em dependência e efeitos colaterais graves, como delírios e alucinações, conforme afirmado por Sofuoglu e Sewell (2009).

Os depressores, por sua vez, diminuem a atividade do Sistema Nervoso Central e são frequentemente empregados no tratamento da ansiedade e da insônia. Os benzodiazepínicos, por exemplo, são amplamente utilizados devido à sua capacidade de promover tranquilidade e diminuir a inquietação. Fernandes *et al.* (2012) destacam que, embora sejam eficazes, esses fármacos podem acarretar riscos de dependência e desenvolvimento de tolerância, especialmente em tratamentos prolongados. Além disso, sua interação com outras substâncias que atuam como depressoras, como o álcool, pode intensificar seus efeitos, elevando o risco de depressão respiratória.

Substâncias alucinógenas, tais como o LSD e a psilocibina, modificam a percepção e podem provocar alucinações. Segundo Schneider e Antunes (2010) esses compostos são reconhecidos por sua habilidade de reproduzir estados psicóticos, o que desperta interesse tanto na comunidade científica quanto no tratamento de algumas doenças mentais. Contudo, o uso dessas substâncias em contextos recreativos é polêmico devido aos possíveis efeitos adversos sobre a saúde mental.

A legislação no Brasil, como mencionado por Andrade *et al.* (2004), impõe regras estritas sobre a prescrição e a utilização de fármacos psicotrópicos. A Portaria n.º 344 de 1998 cria uma lista de substâncias controladas, organizando-as conforme seu potencial de abuso e a aplicação medicinal. Essa normatização tem como objetivo assegurar que a utilização desses medicamentos ocorra de maneira segura e eficaz, reduzindo ao máximo o risco de abuso e dependência.

No entanto, apesar das regulamentações, a distinção entre uso terapêutico e uso abusivo de psicotrópicos ainda representa um desafio no contexto hospitalar.

Oliveira *et al.* (2021) destacam que a medicalização excessiva da saúde mental muitas vezes não é questionada, resultando no uso indiscriminado de psicofármacos diante de qualquer sinal ou sintoma psíquico. Essa abordagem contrasta com o modelo de atenção psicossocial, que busca um cuidado mais holístico e individualizado.

O consumo de substâncias psicotrópicas no Brasil tem sido tema de pesquisa em virtude de suas implicações sociais e na saúde coletiva. Segundo Loyola-Filho *et al.* (2002), aproximadamente 20% dos brasileiros já experimentaram algum tipo de droga psicotrópica, o que ressalta a urgência de implementar políticas públicas eficientes para controlar o uso dessas substâncias. A automedicação e a fácil disponibilidade desses medicamentos são aspectos que favorecem o seu uso inadequado.

O estudo das interações entre psicotrópicos e outras drogas é um campo de investigação essencial. Conforme Fernandes *et al.* (2012), as interações medicamentosas podem modificar a eficácia dos tratamentos e elevar a probabilidade de efeitos colaterais indesejados. Essa questão é especialmente importante para pacientes que fazem uso de múltiplos fármacos, como os que lidam com doenças crônicas que necessitam de terapia contínua.

A dependência de substâncias psicoativas é uma questão importante, principalmente em relação ao uso contínuo de benzodiazepínicos. Huf *et al.* (2000) enfatizam que essa dependência pode resultar em sérias complicações tanto sociais quanto pessoais, incluindo sintomas de abstinência. A adoção de abordagens que promovam a redução gradual do uso e a supervisão médica são fundamentais para diminuir esses perigos.

As reações indesejadas aos medicamentos psicotrópicos diferem significativamente com base na substância utilizada e na quantidade administrada. Segundo Rang *et al.* (2012), enquanto certos efeitos podem ser sutis e passageiros, outros têm o potencial de ser sérios e prolongados. Informar os pacientes sobre os possíveis efeitos negativos é essencial para assegurar a utilização segura desses fármacos.

O estudo incessante dos psicotrópicos é fundamental para uma compreensão mais aprofundada de seus impactos e para a criação de terapias mais eficientes. Investigações, como as realizadas por Carlini *et al.* (2001), oferecem informações significativas sobre a atuação dessas substâncias e suas possíveis utilizações no

tratamento. A parceria entre cientistas, profissionais de saúde e autoridades é crucial para o progresso nesse setor.

A formação dos profissionais de saúde em relação ao uso de medicamentos psicotrópicos é essencial para assegurar uma prescrição e supervisão apropriadas. Iniciativas de capacitação e reciclagem contínua podem contribuir para minimizar o potencial de abuso e aprimorar os resultados terapêuticos. A educação sobre as normas de prescrição e os perigos associados é um aspecto crucial desse processo.

Para finalizar, os fármacos psicotrópicos são essenciais no manejo de distúrbios mentais, porém é imprescindível que seu uso seja supervisionado de forma rigorosa para prevenir problemas relacionados à dependência e possíveis interações com outros medicamentos. O estudo constante e a capacitação são vitais para melhorar a atuação clínica e assegurar a proteção dos pacientes.

2.3.1 Riscos Dos Medicamentos Psicotrópicos por pacientes em UTI

Os fármacos psicotrópicos, que influenciam o sistema nervoso central, são comumente empregados em Unidades de Terapia Intensiva para o tratamento de diversas condições neurológicas e psiquiátricas. Contudo, o uso inadequado pode representar riscos consideráveis para os pacientes. De acordo com Firmo *et al.* (2016), esses medicamentos podem induzir mudanças no estado mental, resultando em efeitos colaterais que afetam a saúde física e psicológica dos indivíduos. A possibilidade de dependência e a formação de tolerância são problemas frequentes associados ao uso prolongado dessas substâncias.

A utilização de benzodiazepínicos, uma categoria frequente de medicamentos psicotrópicos, é bastante comum em unidades de terapia intensiva devido às suas características sedativas e de redução da ansiedade. Contudo, Araújo (2015) adverte que o consumo prolongado dessas substâncias em pacientes mais velhos pode elevar o risco de desenvolvimento de demência. Em um contexto de UTI, onde os pacientes se encontram em uma condição já fragilizada, é fundamental que a administração de benzodiazepínicos seja rigorosamente monitorada para prevenir complicações adicionais, como o comprometimento cognitivo.

A polifarmácia, que se refere ao uso de vários medicamentos, é uma ocorrência frequente em Unidades de Terapia Intensiva devido à complexidade das doenças tratadas. Contudo, essa abordagem pode agravar os riscos relacionados

aos medicamentos psicotrópicos. De acordo com Carvalho *et al.* (2016), a combinação de diferentes fármacos pode levar a reações adversas imprevistas, elevando a carga de complicações para os pacientes em estado crítico. Assim, a administração meticulosa da terapia medicamentosa é fundamental para assegurar a segurança do paciente.

As Interações farmacocinéticas ocorrem quando a presença de um fármaco altera a absorção, distribuição, metabolismo ou excreção de outro fármaco. Isso pode resultar em níveis plasmáticos alterados do fármaco afetado, modificando sua eficácia ou aumentando o risco de efeitos adversos (Moura *et al.*, 2012).

A combinação do midazolam com o omeprazol, por exemplo, pode atrasar o metabolismo deste fármaco, levando a uma duração maior dos efeitos sedativos. Essa situação é definida como uma interação farmacocinética, conforme mencionado por Moura *et al.* (2012).

A fase metabolismo (mais comum para interações) ocorre principalmente no fígado, onde muitos fármacos são metabolizados por enzimas do citocromo P450. Inibidores ou indutores dessas enzimas podem diminuir ou aumentar o metabolismo de outros fármacos, respectivamente. No exemplo mencionado, o omeprazol inibe enzimas que metabolizam o midazolam, prolongando seus efeitos sedativos.

A pesquisa conduzida por Gomes *et al.* (2019) enfatiza a importância de implementar estratégias de monitoramento adequadas para detectar e lidar com possíveis interações entre medicamentos. Essa abordagem preventiva na administração de fármacos é crucial para assegurar a segurança e a eficácia dos tratamentos em unidades de terapia intensiva. A recomendação é a adoção de sistemas como o DrugReax System, que faz parte da série Micromedex® Health, para facilitar a identificação dessas interações e a análise de suas consequências clínicas.

A Micromedex®, segundo Sancar *et al.*, (2019) é uma referência amplamente utilizada em ambientes clínicos para obter informações sobre drogas, interações e toxicologia. Oferece um banco de dados robusto que apoia os profissionais de saúde nas decisões sobre medicamentos, identificando interações medicamentosas potencialmente perigosas.

A DrugReax System (integrante da série Micromedex®) foi projetada para a detecção de interações medicamentosas. Ele fornece avaliações detalhadas sobre o

significado clínico das interações medicamentosas, suportando a tomada de decisões na prática clínica (Sancar *et al.*, 2019).

Estudos indicam que a frequência de interações entre medicamentos em unidades de terapia intensiva é consideravelmente superior à observada em outras áreas hospitalares, em razão do uso intensivo e concomitante de diversos medicamentos (Moura *et al.*, 2012). Essa realidade requer que os profissionais de saúde possuam um conhecimento aprofundado sobre os mecanismos de funcionamento dos fármacos e potenciais interações, assim podendo realizar escolhas terapêuticas conscientes e reduzir os riscos aos pacientes.

Além dos benzodiazepínicos, os antidepressivos são frequentemente empregados em unidades de terapia intensiva para controlar manifestações de depressão e ansiedade. Bezerra *et al.* (2018) apontam que a utilização de antidepressivos sem orientação médica é recorrente no Brasil, o que pode resultar em um aumento nos índices de suicídio. Em um ambiente de UTI, onde há monitoramento médico contínuo, é essencial que esses fármacos sejam utilizados de maneira rigorosa para reduzir os perigos de efeitos adversos severos.

A automedicação representa um importante risco relacionado ao consumo de psicotrópicos. Silva (2018) destaca que a ausência de controle na distribuição desses fármacos pode resultar em comportamentos de automedicação, os quais são especialmente arriscados em um contexto de UTI. É fundamental que haja uma supervisão rigorosa por parte dos profissionais de saúde para evitar o uso impróprio e potencialmente nocivo dessas substâncias.

Os efeitos indesejados dos medicamentos psicotrópicos podem ser exacerbados em pacientes em unidades de terapia intensiva devido à sua condição severa. Segundo Schallemberger e Colet (2016), a ansiedade e a dependência são frequentes entre aqueles que utilizam benzodiazepínicos, como midazolam e diazepam, o que pode tornar o manejo no ambiente de cuidados intensivos ainda mais desafiador. A monitorização constante dos impactos do tratamento é essencial para adaptar as intervenções terapêuticas quando necessário.

A dependência de substâncias é um tema cada vez mais relevante no contexto do uso de psicotrópicos em Unidades de Terapia Intensiva. Segundo Matoso e Moura (2018), o uso impróprio de benzodiazepínicos e a ausência de supervisão podem levar ao desenvolvimento da dependência. Nas UTIs, onde os pacientes estão frequentemente submetidos a medicamentos potentes, a

probabilidade de dependência se torna alta, o que requer a implementação de abordagens que reduzam essa possibilidade.

A formação da equipe médica é essencial para diminuir os perigos ligados ao uso de medicamentos psicotrópicos. Figueiredo (2015) aponta que iniciativas de educação continuada podem facilitar o uso seguro dessas substâncias, minimizando a ocorrência de efeitos colaterais indesejados. Nas Unidades de Terapia Intensiva, onde a interação entre os profissionais de saúde e os pacientes pode ser restrita, é fundamental que os riscos e benefícios dos psicotrópicos sejam transmitidos de maneira clara.

A adoção de diretrizes clínicas para a administração de medicamentos psicotrópicos pode ser eficaz no manejo de seu uso em unidades de terapia intensiva. Segundo Corredas (2018), é fundamental estabelecer limites na prescrição e realizar um acompanhamento contínuo para assegurar que os pacientes sejam tratados somente com as dosagens adequadas. Tais diretrizes podem contribuir para a redução do uso abusivo e do desenvolvimento de dependências, resultando em melhores desfechos terapêuticos.

O exame psicológico dos pacientes antes da utilização de medicamentos psicotrópicos é uma abordagem sugerida para prevenir complicações. Favero *et al.* (2017) ressaltam a relevância de uma análise minuciosa para detectar transtornos que possam impactar a eficácia do tratamento. Em Unidades de Terapia Intensiva, essa abordagem pode contribuir para a personalização das intervenções, assegurando que os pacientes acessem a terapia mais alinhada com suas necessidades.

A supervisão constante dos pacientes em uso de medicamentos psicotrópicos é essencial para perceber indícios iniciais de dependência e adequar o tratamento quando for preciso. Santos *et al.* (2015) ressaltam que a análise frequente dos resultados do tratamento pode auxiliar na identificação de possíveis complicações antes que se tornem severas. Em unidades de terapia intensiva, onde a situação dos pacientes pode se alterar rapidamente, essa vigilância torna-se ainda mais crucial.

A parceria entre grupos de saúde mental e unidades de terapia intensiva pode aprimorar o manejo de medicamentos psicotrópicos em UTIs. De acordo com Binotto *et al.* (2012), a inclusão de profissionais de saúde mental nas equipes das UTIs pode oferecer uma visão mais abrangente do tratamento, considerando tanto os aspectos

físicos quanto psicológicos dos pacientes. Essa cooperação pode contribuir para uma utilização mais eficaz dos psicotrópicos, minimizando os riscos envolvidos.

A administração de medicamentos psicotrópicos em unidades de terapia intensiva envolve diversos desafios e riscos que necessitam de uma gestão cuidadosa. A pesquisa revisada sublinha a relevância de uma prescrição responsável, monitoramento constante e a educação de pacientes e profissionais de saúde. Com a implementação dessas abordagens, é viável reduzir os perigos ligados ao uso de psicotrópicos, assegurando que os pacientes em UTIs recebam um atendimento seguro e eficiente.

2.4 A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO FARMACÊUTICO

O farmacêutico como o especialista encarregado de dispensar medicamentos, tem ampliado suas funções e evidenciado sua relevância em várias áreas da saúde, desde a atenção básica até os cuidados críticos (Santos, 2024). Sua atuação transcende a mera distribuição de fármacos e inclui o monitoramento do tratamento farmacológico, a gestão da qualidade e o incentivo no uso adequado de medicamentos, o que ajuda a garantir a segurança dos pacientes e a melhorar os resultados clínicos e financeiros.

O farmacêutico exerce um papel crucial em diversos níveis de atenção à saúde, indo além da UTI. Na atenção primária, por exemplo, ele se dedica à promoção da saúde, à prevenção de enfermidades e ao acompanhamento de pacientes com condições crônicas. Suas atividades incluem orientar sobre o uso adequado de fármacos, identificar possíveis problemas relacionados a eles e participar ativamente de programas de educação em saúde (BRASIL, 2019).

Fideles *et al* (2015) defendem que a relevância do farmacêutico também se manifesta na área de pesquisa e desenvolvimento de novos medicamentos, onde ele atua na descoberta, no desenvolvimento e na avaliação de novos fármacos, impulsionando a inovação e aprimorando a saúde da população. Seu conhecimento especializado em farmacologia, química farmacêutica e tecnologia farmacêutica é indispensável para o desenvolvimento de medicamentos seguros e eficazes.

Entretanto, apesar de sua inegável importância, o papel do farmacêutico ainda é frequentemente negligenciado em muitas áreas da saúde (Santos, 2024). A ausência de reconhecimento e valorização desse profissional pode comprometer a

qualidade dos serviços de saúde e a segurança do paciente. É imprescindível que os gestores de saúde, os profissionais de saúde e a sociedade em geral reconheçam a importância do farmacêutico e invistam em sua formação e capacitação.

De acordo com o Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo (CRF-SP), para que o farmacêutico possa exercer seu papel de maneira completa e eficiente, é imperativo que ele possua uma formação robusta e atualizada, abrangendo conhecimentos em farmacologia, farmacoterapia, clínica médica, gestão da qualidade e comunicação. Adicionalmente, é essencial que ele desenvolva habilidades de trabalho em equipe, de resolução de problemas e de tomada de decisões, de modo a colaborar efetivamente com outros profissionais de saúde e contribuir para a melhoria dos resultados clínicos (BRASIL, 2019).

A valorização do farmacêutico também se concretiza por meio da expansão de sua atuação em áreas como a farmácia clínica, a atenção farmacêutica e a gestão de medicamentos. A farmácia clínica conforme Claus *et al.*, (2014) consiste no acompanhamento individualizado do paciente, com o objetivo de otimizar a terapia medicamentosa e prevenir problemas relacionados a medicamentos, e tem demonstrado ser uma ferramenta eficaz para a melhoria dos resultados clínicos e a redução de custos

A atenção farmacêutica na concepção de Santos *et al.*, (2020) engloba a identificação, a prevenção e a resolução de problemas relacionados a medicamentos, é outra área de atuação relevante do farmacêutico. Por meio da atenção farmacêutica, o farmacêutico pode contribuir para a adesão ao tratamento, a prevenção de reações adversas e a otimização da terapia medicamentosa, aprimorando a qualidade de vida do paciente

A gestão de medicamentos, que abrange a seleção, a aquisição, o armazenamento, a distribuição e a dispensação de medicamentos, é outra área de atuação fundamental do farmacêutico. Através da gestão de medicamentos, o farmacêutico pode assegurar a qualidade dos medicamentos, o acesso da população aos medicamentos essenciais e o uso racional dos recursos financeiros (BRASIL, 2019).

Diante do que foi relatado, torna-se evidente a importância do papel do farmacêutico na promoção da saúde, na prevenção de doenças e no tratamento de pacientes. Sua atuação, que transcende a simples dispensação de medicamentos,

abrange o acompanhamento farmacoterapêutico, a gestão da qualidade e a promoção do uso racional de medicamentos, contribuindo para a segurança do paciente e a otimização dos resultados clínicos e econômicos (Santos, 2024).

É crucial que os gestores de saúde, os profissionais de saúde e a sociedade em geral reconheçam a importância do farmacêutico. Sua atuação, que se estende desde a atenção primária até os cuidados intensivos, contribui para a melhoria da saúde da população e para a sustentabilidade do sistema de saúde.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

A pesquisa em questão se caracteriza como exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, utilizando como principal método de coleta de dados a revisão bibliográfica. De acordo com Lima e Miotto (2007), essa abordagem é fundamental para embasar teoricamente o objeto de estudo, fornecendo elementos que serão essenciais para a análise dos dados obtidos no futuro. Ou seja, vai além de apenas observar os dados encontrados nas fontes pesquisadas, pois aplica teorias sobre eles, seguido de uma compreensão crítica do significado presente.

Segundo Oliveira (2011), a fase exploratória da pesquisa tem como finalidade promover, compreender, elucidar e modificar conceitos, de modo a permitir a formulação de questões específicas ou a proposição de hipóteses que possam estimular e orientar o pesquisador na realização de novos estudos. Neste contexto, não há uma estrutura rígida de planejamento, uma vez que o objetivo é oferecer uma visão geral, aproximada, sobre um determinado fenômeno, o que torna os métodos utilizados amplos e flexíveis.

A investigação descritiva é o interesse do pesquisador em analisar com precisão, detalhadamente os acontecimentos e fenômenos de uma realidade específica ou problema social (Gil, 1999). Logo, a intenção é compreender uma comunidade em particular, seus traços, princípios e questões ligadas à sua cultura. Como afirmado por Castro (1976), ao mencionar que uma pesquisa é de cunho descritivo, significa que se restringe a uma descrição direta e objetiva de cada uma das variáveis, de forma isolada, sem analisar sua relação ou interação com as demais.

Diversos pesquisadores interpretam a abordagem qualitativa como uma "definição ampla", que de acordo com Bogdan e Biken (2003) e Soares (2019) consiste em analisar as atividades específicas com o objetivo de entender seus significados. Além disso, essa abordagem se baseia na compreensão do fenômeno dentro do contexto em que está inserido, não se limitando apenas à sua aparência, mas buscando compreender sua essência, origem, relações, mudanças e até mesmo prever possíveis consequências. Esse tipo de abordagem é particularmente

relevante em estudos que buscam compreender a perspectiva dos indivíduos e a complexidade dos fenômenos sociais.

3.2 SELEÇÃO DOS ESTUDOS

Os documentos pesquisados foram agrupados em diretórios de acordo com os assuntos previamente definidos para o índice, os quais foram posteriormente ajustados conforme as exigências da escrita, e então salvos no aplicativo Google Drive Web, para facilitar a visualização dos conteúdos apresentados em diferentes telas.

Foram identificadas 129 publicações em artigos de revisão integrativa em portais e websites oficiais como SCIELO, Base de Dados LILACS, PUBMED, EMBASE, SCOPUS, Google Acadêmico, Google Books, Docero e Scribd. Durante o processo de pesquisa, foram utilizadas as expressões (palavras-chave): “Psicotrópicos em pacientes críticos”; “Controle farmacêutico de psicotrópicos”; “Uso abusivo de psicotrópico”; “O papel do farmacêutico sobre o uso abusivo de psicotrópicos”; “Uso de psicotrópicos em pacientes de UTI”; “Impacto dos psicotrópicos na terapia intensiva” e outros termos relacionados.

3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

O período considerado para a análise incluiu artigos e escritos publicados entre 2016 e 2023, além de pesquisas relevantes e atuais relacionadas ao tema. Textos clássicos também foram utilizados para fornecer um contexto histórico, sem restrições de datas. A temática central girou em torno de estudos que investigaram a importância da participação do farmacêutico na análise e controle dos efeitos do uso excessivo de psicotrópicos em pacientes internados em Unidades de Terapia Intensiva (UTI). Esses estudos enfocaram a atuação dos farmacêuticos, seu treinamento e os obstáculos enfrentados nesse ambiente crítico.

Os artigos analisados foram publicados em português, inglês e espanhol, abrangendo uma variedade de categorias de publicação, como artigos acadêmicos inovadores, análises abrangentes da literatura e seções de livros. A acessibilidade dos recursos foi uma consideração importante, abrangendo materiais disponíveis integralmente pela internet, através de bancos de dados e revistas eletrônicas e em

bibliotecas físicas. Isso permitiu uma ampla gama de fontes para apoiar a pesquisa e oferecer uma visão completa sobre o papel crucial dos farmacêuticos nas UTIs.

Textos publicados fora do intervalo de 2016 a 2023 foram excluídos, exceto quando se tratava de obras tradicionais utilizadas para fins de enquadramento histórico. Pesquisas que não exploraram a questão principal sobre o papel do farmacêutico na regulação do consumo de psicotrópicos em Unidades de Terapia Intensiva também foram desconsideradas, mesmo que abordassem temas correlatos.

Projetos em andamento que não apresentaram informações completas para avaliação, como resumos de eventos acadêmicos ou artigos sem o conteúdo integral acessível, não foram incluídos na análise. Além disso, textos em línguas distintas de português, inglês e espanhol foram excluídos. Quando um estudo foi publicado em diversas revistas ou em línguas diferentes, apenas a versão mais abrangente e recente foi considerada para garantir uma análise precisa e atualizada.

3.4 ANÁLISE DOS ESTUDOS SELECIONADOS

Inicialmente, foram identificadas 129 publicações e catalogadas online com informações como: título, autores, formação dos autores, nome da revista, ano de publicação, volume, número, metodologia, local e objetivo do estudo. Após a exclusão de 37 documentos por não atenderem aos critérios, restaram 92 para embasar a fundamentação teórica. Na segunda fase, excluíram-se 34 publicações, restando 58 para leitura completa. Após análise crítica, 48 artigos foram descartados, restando 10 para análise e discussão, conforme ilustrado na figura.

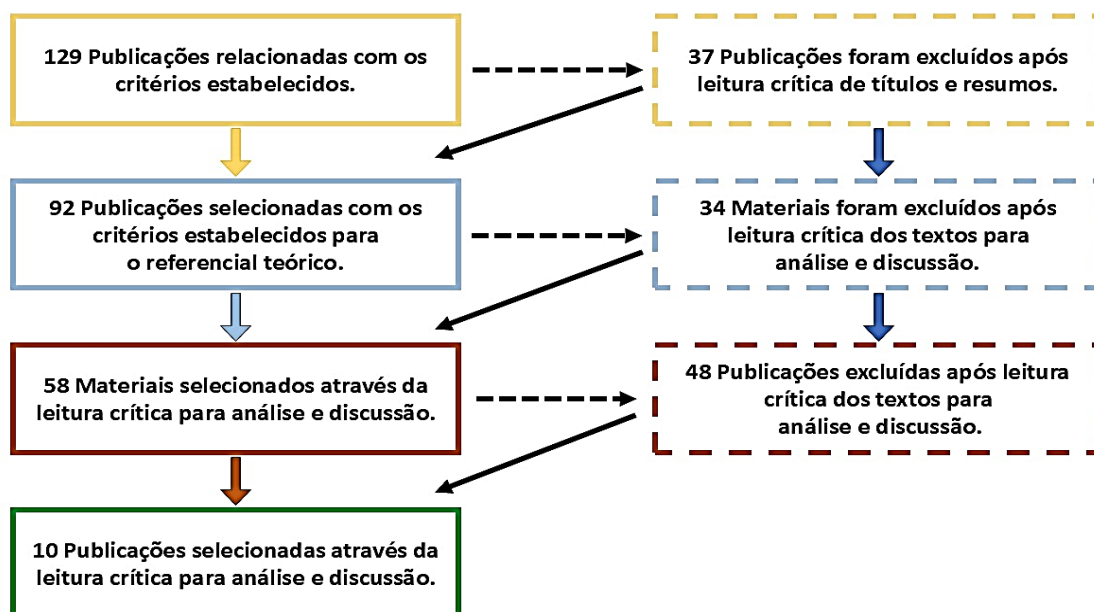


Figura 01 - Seleção dos recursos de literatura encontrados em fontes eletrônicas e físicas.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Este estudo, por se tratar de uma revisão literária, concentrou-se na avaliação ética do uso de trabalhos e criações intelectuais de terceiros. Por conseguinte, foram respeitadas as diretrizes estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para a elaboração de documentos acadêmicos, assegurando a devida citação de todos os autores e obras empregadas.

Na pesquisa científica, é fundamental seguir princípios éticos, reconhecendo a origem das ideias, conceitos e informações obtidas de outras fontes. Copiar conteúdo intelectual sem permissão é considerado uma infração séria, caracterizada como plágio segundo o artigo 184 do Código Penal do Brasil.

Com o objetivo de impedir quaisquer infrações éticas, foram implementadas as seguintes ações:

Citação completa e precisa: Todas as fontes utilizadas foram cuidadosamente referenciadas ao longo do texto e listadas nas referências bibliográficas, seguindo o padrão da ABNT;

Paráfrase e uso de citações diretas: As ideias e conceitos de outros autores foram incorporados ao texto por meio de paráfrases, com a devida indicação da fonte, ou através de citações diretas, utilizando aspas e a referência completa;

Compromisso com a originalidade: Buscou-se garantir que a análise e interpretação dos dados coletados sejam originais, oferecendo uma contribuição relevante para o tema em questão.

Acredita-se que a integridade na investigação seja essencial para o desenvolvimento de um conhecimento científico robusto e confiável. Portanto, reitera-se o compromisso de aderir aos princípios éticos mais elevados em todas as fases deste estudo.

3.6 SÍNTESE DOS DADOS

A partir da metodologia descrita anteriormente, foram selecionados 10 estudos relevantes para a presente pesquisa. O quadro a seguir apresenta uma síntese desses estudos, com o objetivo de oferecer uma visão geral sobre o farmacêutico na análise e controle das consequências do uso abusivo de psicotrópicos em pacientes de UTI.

Quadro 01 – Estudos sobre o papel do farmacêutico no controle do uso abusivo de psicotrópicos.

AUTOR E ANO	TÍTULO	OBJETIVO	METODOLOGIA	CONCLUSÃO
ShafiekHani <i>et al.</i> , (2018).	Psychotropic drug therapy in patients in the intensive care unit – usage, adverse effects, and drug interactions: a review.	Revisar o uso, efeitos adversos e interações medicamentosas de psicofármacos em pacientes internados em UTI.	Revisão da literatura.	O uso de psicofármacos em UTI é comum para tratar agitação e delírio, mas exige cautela devido a riscos. Drogas não-benzodiazepínicas são preferíveis, antipsicóticos não são primeira linha e antidepressivos devem ser evitados até a recuperação. Mais pesquisas são necessárias.
Rodrigues <i>et al.</i> , (2018).	Uso e fontes de obtenção de psicotrópicos em adultos e idosos brasileiros.	Verificar a prevalência do uso de psicotrópicos em adultos, e os fatores associados, classes terapêuticas de medicamentos e fontes de obtenção.	Análise de dados da Pesquisa Nacional sobre o Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de Medicamentos no Brasil (PNAUM/2013-2014).	O estudo revelou alta prevalência do uso de psicotrópicos no Brasil, principalmente entre mulheres, idosos, indivíduos com baixa renda e escolaridade, residentes da região Sul e com pior percepção da própria saúde. O acesso gratuito pelo SUS demonstra a importância do sistema público, mas destaca a necessidade de políticas públicas para o uso racional, considerando os riscos do uso inadequado.

Quadro 01 – Estudos sobre o papel do farmacêutico no controle do uso abusivo de psicotrópicos.
(Continuação do Quadro 01)

AUTOR E ANO	TÍTULO	OBJETIVO	METODOLOGIA	CONCLUSÃO
Kovacic <i>et al.</i> , (2020).	An Analysis of Psychoactive Medications Initiated in the ICU but Continued Beyond Discharge: A Pilot Study of Stewardship.	Determinar a frequência com que pacientes que iniciaram o uso de medicamentos psicoativos (PM) na UTI continuam o tratamento após a alta da UTI e do hospital.	Estudo observacional, prospectivo e unicêntrico que avaliou pacientes adultos consecutivos da UTI que receberam PM programados..	Os PM são frequentemente continuados durante as transições de cuidado e, muitas vezes, sem conhecimento da indicação inicial. Estudos futuros devem estabelecer métodos eficazes de administração de PM.
Souza <i>et al.</i> , (2020).	A importância da atenção farmacêutica no uso indiscriminado de psicotrópicos em crianças e adolescentes.	Revisar a literatura sobre a importância da atenção farmacêutica no uso indiscriminado de psicotrópicos em crianças e adolescentes, mencionando suas propriedades terapêuticas.	Revisão de literatura com busca nas bases de dados MEDLINE (via Pubmed), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e livros didáticos. Foram incluídos artigos publicados entre 2000 e 2018, utilizando os descritores "psicotrópicos", "atenção farmacêutica", "crianças" e "adolescentes".	O uso de psicotrópicos em crianças e adolescentes está aumentando, levando ao uso indiscriminado. É fundamental que pais, familiares e profissionais de saúde estejam atentos aos sinais e sintomas, garantindo uma prescrição segura e apropriada. A atenção farmacêutica é crucial para o uso racional desses medicamentos.
Lima <i>et al.</i> , (2021).	Papel do farmacêutico no combate ao uso indiscriminado de benzodiazepínicos: uma revisão de literatura.	Discutir o uso indiscriminado de benzodiazepínicos e a contribuição do farmacêutico ao uso racional.	Revisão de literatura integrativa utilizando as bases de dados Biblioteca Virtual de Saúde, Biblioteca Eletrônica Científica Online e Google Acadêmico. Foram selecionados 18 artigos relevantes.	O uso de benzodiazepínicos é predominante entre idosos e mulheres, e o uso excessivo, muitas vezes, se deve à falta de informação. Farmacêuticos têm um papel crucial na análise e controle do uso, podendo recomendar a suspensão, conscientizar a comunidade e sugerir alternativas.

Quadro 01 – Estudos sobre o papel do farmacêutico no controle do uso abusivo de psicotrópicos.
(Continuação do Quadro 01)

AUTOR E ANO	TÍTULO	OBJETIVO	METODOLOGIA	CONCLUSÃO
Molck <i>et al.</i> , (2021).	Psicotrópicos e Atenção Primária à Saúde: a subordinação da produção de cuidado à medicalização no contexto da Saúde da Família	Compreender o fenômeno da medicalização e do uso de psicotrópicos em longo prazo com base na percepção dos usuários de uma Unidade de Saúde da Família (USF).	Estudo qualitativo, fundamentado no método autobiográfico e na narrativa do sujeito. Entrevistas semiestruturadas com usuários selecionados intencionalmente. Análise temática dos dados.	Embora os usuários demonstrassem conhecimento sobre os medicamentos, eles relataram falta de informações sobre efeitos colaterais e dependência. A confiança no médico e a crença no medicamento como solução foram cruciais para a adesão ao tratamento. O estudo ressalta a importância da comunicação transparente entre profissionais de saúde e usuários, além da necessidade de estratégias para o uso racional de psicotrópicos e a prevenção da medicalização.
Almeida <i>et al.</i> , (2021).	Uso abusivo de psicofármacos e o papel do farmacêutico na prevenção da medicalização.	Investigar a relação entre o uso abusivo de psicofármacos por usuários do SUS e o papel do farmacêutico na prevenção da medicalização.	Pesquisa qualitativa com 10 usuários de psicofármacos da Farmácia Básica de Marizópolis-PB; Entrevistas roteirizadas realizadas nas residências dos usuários ou na Farmácia Básica e Análise temática dos dados coletados.	O estudo investigou o uso abusivo de psicofármacos por usuários do SUS em Marizópolis-PB, relacionando-o à medicalização da vida. Os autores concluíram que fatores como a banalização de problemas do cotidiano, a falta de acompanhamento médico adequado e a atuação limitada do farmacêutico contribuem para o uso indiscriminado desses medicamentos.
Silva <i>et al.</i> , (2022).	Impacto da atuação do farmacêutico no âmbito hospitalar: uma revisão integrativa.	Descrever o impacto das atividades do farmacêutico em hospitais e destacar os resultados de sua atuação na equipe multidisciplinar.	Revisão integrativa de literatura utilizando palavras-chave em bases de dados, aplicando critérios de inclusão e exclusão para selecionar os artigos relevantes.	A atuação do farmacêutico em ambiente hospitalar é fundamental para a garantia da saúde dos pacientes. As atividades clínicas desempenhadas por esse profissional são capazes de reduzir danos associados ao uso indevido de medicamentos, assegurando que a terapia medicamentosa ocorra de forma eficaz e segura.

Quadro 01 – Estudos sobre o papel do farmacêutico no controle do uso abusivo de psicotrópicos.
(Continuação do Quadro 01)

AUTOR E ANO	TÍTULO	OBJETIVO	METODOLOGIA	CONCLUSÃO
Alves <i>et al.</i> , (2022).	Intervenções Farmacêuticas na UTI e sua efetividade: uma revisão integrativa	Investigar os tipos de intervenções farmacêuticas que ocorrem na UTI e analisar a sua efetividade, identificando as situações em que esse serviço é necessário.	Revisão integrativa de literatura, com busca nas bases de dados SCIELO e LILACS, utilizando descritores como "Cuidados críticos", "Unidade de Terapia Intensiva (UTI)", "Assistência Farmacêutica", "Cuidado Farmacêutico", "Farmácia Clínica" e "Intervenção Farmacêutica". Foram incluídos artigos em português e espanhol publicados entre 2015 e junho de 2020, excluindo-se revisões de literatura e estudos que não abordassem os motivos e tipos de intervenção farmacêutica na UTI.	A presença do farmacêutico é crucial na UTI, tanto do ponto de vista clínico como econômico. As intervenções farmacêuticas são geralmente aceitas e, quando não, são justificadas, sendo direcionadas principalmente a médicos e enfermeiros. Elas se concentram no manejo de diluição, tempo de infusão de medicamentos e ajuste de dose.
Marques <i>et al.</i> , (2024).	Atuação do profissional farmacêutico na gestão responsável e eficaz de medicamentos psicotrópicos	Demonstrar o papel crucial do farmacêutico na educação e aconselhamento de pacientes sobre o uso correto e seguro de psicotrópicos, incluindo orientações sobre posologia, potenciais efeitos colaterais e a importância da adesão ao tratamento.	Revisão bibliográfica descritiva com base em documentos oficiais da OMS, Ministério da Saúde e Conselho Federal de Farmácia, além de artigos científicos e periódicos publicados em plataformas digitais como BIREME, LILACS, Medline e SciELO. A coleta de dados ocorreu entre fevereiro e junho de 2024.	A gestão responsável de medicamentos psicotrópicos depende da atuação abrangente do farmacêutico, indo além da dispensação. É fundamental garantir a segurança, eficácia e responsabilidade no uso desses fármacos. A comunicação eficaz entre farmacêutico e paciente, a elaboração de planos terapêuticos individualizados e o acompanhamento constante são cruciais para o sucesso do tratamento e para um sistema de saúde mais eficaz, seguro e centrado no paciente.

A síntese dos estudos apresentados no quadro 01 revela a complexidade e a importância do papel do farmacêutico na análise e controle das consequências do uso abusivo de psicotrópicos em pacientes. Os artigos selecionados destacam a necessidade de cautela no uso desses medicamentos, considerando os riscos de efeitos colaterais e interações medicamentosas. Além disso, evidenciam a alta prevalência do uso de psicotrópicos no Brasil e a frequência com que esses medicamentos são continuados após a alta hospitalar.

A atuação do farmacêutico é crucial não apenas na gestão responsável desses medicamentos, mas também na educação e aconselhamento dos pacientes, na prevenção da medicalização e na promoção do uso racional. Esses artigos fornecem uma base sólida para a análise e discussão dos resultados, permitindo uma compreensão mais aprofundada do tema e suas implicações para a prática clínica e a saúde pública.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 USO DE PSICOTRÓPICOS EM UTI: DESAFIOS E CONSIDERAÇÕES

ShafiekHani *et al.* (2018) apresentam uma revisão abrangente sobre o uso de psicofármacos em pacientes internados em UTI, destacando a complexidade desse cenário. Os autores enfatizam que, embora o uso de psicotrópicos seja comum em UTIs para tratar problemas como agitação e delírio, é necessária extrema cautela devido aos riscos significativos de efeitos colaterais e interações medicamentosas.

Um dos pontos cruciais levantados por ShafiekHani *et al.* (2018) é a preferência por drogas não-benzodiazepínicas para o tratamento de agitação e dor em pacientes de UTI, que são: Dexmedetomidina, Propofol, Cetamina (Ketamina) e Clonidina. A Dexmedetomidina é um agonista alfa2-adrenérgico que promove sedação consciente, analgesia e efeitos poupadores de anestésicos, sem causar depressão respiratória. É considerada uma alternativa aos benzodiazepínicos para prevenir o delirium em pacientes de UTI.

O Propofol é um anestésico intravenoso GABAérgico usado para sedar pacientes agitados em estado crítico. Possui rápido início de ação e despertar, além de efeitos antieméticos. A Cetamina (Ketamina) também é um anestésico intravenoso com propriedades sedativas, analgésicas, estimulantes do sistema nervoso simpático e broncodilatadoras. Pode ser uma opção para induzir sedação em casos de sepse, asma e broncoconstrição (ShafiekHani *et al.*, 2018).

Os respectivos autores mencionam um agente de segunda linha para induzir sedação: a Clonidina. Categorizada como um agonista alfa-2 adrenérgico seletivo usado para tratar pressão alta, enxaqueca, ondas de calor da menopausa e síndrome de abstinência alcoólica. Tem efeitos dose-relacionados, como sedação, ansiólise e analgesia, e pode reduzir a necessidade de outros anestésicos e opioides em UTIs,

Esta recomendação baseia-se no perfil de segurança mais favorável dessas medicações em comparação com os benzodiazepínicos, que podem prolongar o tempo de internação e aumentar o risco de delirium. Os autores alertam que antipsicóticos não são recomendados como primeira linha de tratamento para agitação em UTI, devendo ser reservados para casos específicos e sob estrita monitorização.

Outro aspecto relevante abordado no estudo é o uso de antidepressivos em pacientes de UTI. ShafiekHani *et al.* (2018) recomendam que esses medicamentos sejam evitados até a recuperação completa do paciente, devido ao risco de interações medicamentosas e efeitos adversos que podem complicar o quadro clínico já delicado desses pacientes.

Neste contexto, o papel do farmacêutico se torna fundamental. Como especialista em medicamentos, o farmacêutico está em posição ideal para analisar criticamente as prescrições, considerando não apenas a eficácia dos psicotrópicos, mas também seus potenciais riscos e interações com outros medicamentos comumente utilizados em UTI. Além disso, o farmacêutico pode orientar a equipe médica sobre as melhores opções terapêuticas, levando em conta o perfil individual de cada paciente e as particularidades do ambiente de terapia intensiva.

4.2 CONTINUIDADE DO USO DE PSICOTRÓPICOS APÓS ALTA DA UTI

Kovacic *et al.* (2020) abordam uma questão crítica relacionada ao uso de psicotrópicos em UTI: a continuidade da administração desses medicamentos após a alta do paciente da unidade de terapia intensiva. Os autores observaram que medicamentos psicoativos (PM) frequentemente continuam sendo administrados durante as transições de cuidado, muitas vezes sem o conhecimento da indicação inicial para seu uso.

Este estudo destaca um problema significativo na gestão de medicamentos psicotrópicos em ambientes hospitalares. A continuidade do uso desses medicamentos sem uma reavaliação adequada pode levar a problemas como dependência, efeitos colaterais desnecessários e interações medicamentosas potencialmente perigosas.

Os autores Kovacic *et al.* (2020) propõem uma intervenção farmacêutica específica para abordar essa questão. Os autores sugerem que o farmacêutico entre em contato com a equipe médica responsável pelo paciente dentro de 72 horas após a alta da UTI. O objetivo dessa intervenção é duplo:

- Estabelecer a justificativa para o uso continuado do medicamento psicoativo;
- Sugerir a descontinuação do medicamento, caso não haja uma indicação clara para seu uso continuado.

Esta abordagem ressalta o papel proativo que o farmacêutico pode desempenhar na gestão de medicamentos psicotrópicos. Ao intervir ativamente no processo de transição de cuidados, o farmacêutico pode contribuir significativamente para a segurança do paciente e para o uso racional de medicamentos.

A intervenção proposta por Kovacic et al. (2020) também destaca a importância da comunicação interdisciplinar no ambiente hospitalar. Ao atuar como um elo entre diferentes equipes de cuidado, o farmacêutico pode garantir que informações cruciais sobre a terapia medicamentosa do paciente sejam transmitidas adequadamente durante as transições de cuidado.

4.3 PREVALÊNCIA DO USO DE PSICOTRÓPICOS E IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE PÚBLICA

Expandindo o escopo da discussão para além do ambiente de UTI, Rodrigues *et al.* (2018) apresentam um panorama alarmante sobre o uso de psicotrópicos no Brasil. Os autores identificaram uma alta prevalência do uso desses medicamentos, especialmente entre grupos específicos da população: mulheres, idosos, indivíduos com baixa renda, pessoas com baixa escolaridade, residentes da região Sul do país e indivíduos com pior percepção da própria saúde.

Estes dados levantam questões importantes sobre o acesso e o uso de psicotrópicos na população geral, que podem ter implicações diretas para o cuidado de pacientes em UTI. Por exemplo, pacientes que já fazem uso crônico de psicotrópicos podem apresentar desafios adicionais quando internados em UTI, como: tolerância medicamentosa (adaptação do organismo, onde, ao longo do tempo, doses maiores do medicamento são necessárias para se alcançar o mesmo efeito terapêutico inicial) ou a síndrome de abstinência (quando há uma interrupção ou redução brusca do uso de medicamentos aos quais o corpo do paciente está acostumado, resultando em sintomas de privação que podem variar de leve desconforto a manifestações mais severas, como alterações no humor, irritabilidade, ou até crises convulsivas).

Rodrigues *et al.* (2018) também destacam a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) no acesso a esses medicamentos, demonstrando que uma parcela significativa da população obtém psicotrópicos gratuitamente através do sistema

público de saúde. Este dado ressalta a responsabilidade do sistema de saúde no fornecimento de medicamentos e, também, garantir seu uso racional e seguro.

Neste contexto, o papel do farmacêutico se estende para além do ambiente hospitalar. Na atenção primária à saúde, por exemplo, o farmacêutico pode atuar na educação em saúde, orientando pacientes sobre o uso correto de psicotrópicos, seus potenciais riscos e a importância do acompanhamento médico regular. Além disso, o farmacêutico pode colaborar com equipes multidisciplinares na implementação de políticas públicas voltadas para o uso racional de psicotrópicos, considerando os riscos do uso inadequado identificados por Rodrigues *et al.* (2018).

4.4 ATENÇÃO FARMACÊUTICA NO USO DE PSICOTRÓPICOS EM POPULAÇÃO ESPECÍFICA

Dois estudos destacam a importância da atenção farmacêutica no uso de psicotrópicos em grupos específicos. Souza *et al.* (2020) enfatizam o papel crucial do farmacêutico na prescrição segura para crianças e adolescentes, considerando suas particularidades farmacocinéticas e farmacodinâmicas. Lima *et al.* (2021) focam nos usuários de benzodiazepínicos, ressaltando a necessidade de atenção especializada.

O farmacêutico, com seu conhecimento especializado em farmacologia, pode contribuir significativamente para garantir a segurança e eficácia do tratamento nessa população vulnerável. Algumas das contribuições específicas apontados por Souza *et al.* (2020), incluem:

- Avaliação criteriosa das prescrições, considerando dosagens apropriadas para idade e peso;
- Orientação aos pais e cuidadores sobre a administração correta dos medicamentos;
- Monitoramento de possíveis efeitos adversos e interações medicamentosas;
- Colaboração com a equipe médica na escolha das melhores opções terapêuticas.

Lima *et al.* (2021), por sua vez, focam no uso indiscriminado de benzodiazepínicos, uma classe de psicotrópicos frequentemente prescrita e com alto potencial de abuso. Os autores ressaltam que o farmacêutico pode desempenhar um papel fundamental na gestão do uso desses medicamentos, incluindo:

- Recomendar a suspensão gradual do uso em casos de uso prolongado sem indicação clara;
- Conscientizar a comunidade sobre os riscos do uso indiscriminado de benzodiazepínicos;
- Sugerir alternativas terapêuticas não farmacológicas ou medicamentos com menor potencial de dependência;
- Realizar acompanhamento farmacoterapêutico de pacientes em uso crônico de benzodiazepínicos.

A atuação do farmacêutico nestas áreas específicas demonstra a versatilidade e a importância deste profissional na gestão do uso de psicotrópicos em diferentes contextos e populações.

4.5 MEDICALIZAÇÃO E USO PROLONGADO DE PSICOTRÓPICOS

Molck *et al.* (2021) e Almeida *et al.* (2021) abordam questões relacionadas à medicalização e ao uso prolongado de psicotrópicos, temas que têm implicações importantes para o cuidado de pacientes em UTI. Molck *et al.* (2021) discutem o fenômeno da medicalização, que se refere à tendência de tratar questões não médicas como problemas médicos, frequentemente resultando no uso excessivo de medicamentos, incluindo psicotrópicos. Os autores argumentam que este fenômeno pode levar a um uso desnecessário e potencialmente prejudicial de medicamentos psicoativos.

No contexto da UTI, a consciência sobre a medicalização é crucial. Pacientes em estado crítico frequentemente apresentam sintomas como ansiedade, agitação e distúrbios do sono, que podem ser erroneamente interpretados como necessitando de intervenção farmacológica imediata.

O farmacêutico, com seu conhecimento abrangente sobre medicamentos e suas alternativas, pode desempenhar um papel importante na prevenção da medicalização excessiva em UTI, sugerindo abordagens não farmacológicas quando apropriado e garantindo que o uso de psicotrópicos seja reservado para situações em que são verdadeiramente necessários.

Almeida *et al.* (2021) focam no uso prolongado de psicotrópicos, um problema que pode ter suas raízes na UTI e persistir após a alta do paciente. Os autores

destacam os riscos associados ao uso prolongado desses medicamentos, incluindo dependência, tolerância e efeitos colaterais a longo prazo.

Neste contexto, o farmacêutico pode atuar em várias frentes:

- *Monitoramento do uso de psicotrópicos:* Identificação precoce de padrões de uso na UTI que possam causar problemas futuros.
- *Colaboração com a equipe médica:* Desenvolvimento de planos para descontinuação gradual de psicotrópicos antes da alta, quando necessário.
- *Educação de pacientes e familiares:* Informar sobre os riscos do uso prolongado de psicotrópicos e a importância do acompanhamento pós-alta.
- *Programas de acompanhamento pós-alta:* Implementação de acompanhamento farmacoterapêutico para pacientes que iniciaram o uso de psicotrópicos na UTI.

Ambos os estudos ressaltam a importância da comunicação transparente entre profissionais de saúde e usuários, bem como a necessidade de estratégias para o uso racional de psicotrópicos. O farmacêutico, nesse contexto, pode atuar como um elo entre o paciente e a equipe médica, fornecendo informações sobre efeitos colaterais, riscos de dependência e alternativas terapêuticas.

4.6 ATUAÇÃO DO FARMACÊUTICO NO AMBIENTE HOSPITALAR E UTI

Silva *et al.* (2022) e Alves *et al.* (2022) focam especificamente na atuação do farmacêutico no ambiente hospitalar, incluindo a UTI. Estes estudos fornecem insights valiosos sobre como o farmacêutico pode contribuir diretamente para a melhoria do cuidado ao paciente em ambientes de alta complexidade.

Os autores Silva *et al.* (2022) destacam que as atividades clínicas desempenhadas pelo farmacêutico são capazes de reduzir significativamente os danos associados ao uso indevido de medicamentos, assegurando que a terapia medicamentosa ocorra de forma eficaz e segura. No contexto da UTI, onde os pacientes frequentemente recebem múltiplos medicamentos e estão em estado crítico, esta contribuição do farmacêutico é particularmente valiosa.

Algumas das atividades clínicas do farmacêutico em UTI, conforme apontado por Silva *et al.* (2022), incluem:

- Revisão diária das prescrições médicas, identificando potenciais problemas relacionados a medicamentos.
- Participação em rounds multidisciplinares, contribuindo com informações farmacológicas relevantes para o cuidado do paciente.
- Monitoramento de níveis séricos de medicamentos, quando aplicável, para garantir eficácia terapêutica e minimizar toxicidade.
- Orientação à equipe de enfermagem sobre a administração correta de medicamentos, incluindo psicotrópicos.
- Implementação de protocolos de uso racional de antimicrobianos, que frequentemente interagem com psicotrópicos.

Alves *et al.* (2022) reforçam a importância das intervenções farmacêuticas na UTI, embora o texto tenha sido truncado e não tenha sido possível acessar a conclusão completa do estudo. No entanto, baseando-se nas informações disponíveis, pode-se inferir que os autores provavelmente destacam o impacto positivo das intervenções farmacêuticas na segurança do paciente e na otimização da terapia medicamentosa em UTI.

As intervenções farmacêuticas em UTI podem incluir:

- Ajuste de doses de medicamentos com base na função renal e hepática do paciente.
- Identificação e prevenção de interações medicamentosas potencialmente perigosas.
- Recomendação de alternativas terapêuticas mais seguras ou eficazes.
- Educação contínua da equipe de saúde sobre novos medicamentos e protocolos de uso.

No contexto específico do uso de psicotrópicos em UTI, o farmacêutico pode contribuir de várias maneiras:

- Avaliação da necessidade real de uso de psicotrópicos, considerando alternativas não farmacológicas quando apropriado.
- Monitoramento de efeitos adversos específicos de psicotrópicos em pacientes críticos, como prolongamento do intervalo QT com certos antipsicóticos.
- Orientação sobre a titulação adequada de doses de psicotrópicos, considerando o estado clínico do paciente e potenciais interações com outros medicamentos.

- Implementação de protocolos de uso racional de benzodiazepínicos e outros sedativos em UTI, visando minimizar o risco de delirium e dependência.

4.7 DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A ATUAÇÃO FARMACÊUTICA

A análise dos estudos selecionados revela não apenas a importância da atuação farmacêutica no controle do uso de psicotrópicos em UTI, mas também aponta para desafios e oportunidades neste campo. Um dos principais desafios identificados é a necessidade de integração efetiva do farmacêutico à equipe multidisciplinar da UTI. Embora os estudos destaquem o valor das intervenções farmacêuticas, a implementação prática dessas intervenções muitas vezes requer mudanças culturais e organizacionais nas instituições de saúde.

Outro desafio significativo é a complexidade farmacológica dos pacientes de UTI. O uso concomitante de múltiplos medicamentos, incluindo psicotrópicos, antimicrobianos e drogas vasoativas, cria um cenário propício para interações medicamentosas e efeitos adversos. O farmacêutico precisa estar constantemente atualizado e ser capaz de navegar por essa complexidade para fornecer recomendações seguras e eficazes.

A falta de estudos específicos sobre o uso de psicotrópicos em populações críticas também representa um desafio. Como apontado por ShafiekHani *et al.* (2018), mais pesquisas são necessárias para estabelecer diretrizes claras sobre o uso desses medicamentos em UTI. O farmacêutico pode desempenhar um papel importante na condução e interpretação dessas pesquisas, contribuindo para a geração de evidências que informem a prática clínica.

Por outro lado, os estudos analisados também apontam para diversas oportunidades de atuação farmacêutica:

- Desenvolvimento de protocolos específicos para o uso de psicotrópicos em UTI, considerando as particularidades desse ambiente e dos pacientes críticos;
- Implementação de programas de educação continuada para equipes de UTI sobre o uso racional de psicotrópicos, abordando temas como indicações apropriadas, monitoramento de efeitos adversos e estratégias de descontinuação;

- Criação de sistemas de suporte à decisão clínica, integrando o conhecimento farmacêutico aos sistemas de prescrição eletrônica, para auxiliar na prevenção de erros de medicação e interações medicamentosas;
- Estabelecimento de programas de acompanhamento farmacoterapêutico pós-alta para pacientes que iniciaram o uso de psicotrópicos na UTI, visando prevenir o uso prolongado desnecessário e seus potenciais riscos;
- Participação ativa em comitês de farmácia e terapêutica, contribuindo para a seleção racional de psicotrópicos para uso em UTI e para o desenvolvimento de políticas institucionais de uso seguro desses medicamentos;
- Colaboração em pesquisas clínicas sobre o uso de psicotrópicos em pacientes críticos, contribuindo para preencher as lacunas de conhecimento identificadas na literatura.

4.8 PERSPECTIVAS FUTURAS

A análise dos estudos selecionados aponta para algumas tendências e perspectivas futuras no que diz respeito à atuação do farmacêutico no controle do uso de psicotrópicos em UTI:

- *Maior integração da farmacogenômica na prática clínica:* A farmacogenômica é a ciência que estuda como variações genéticas influenciam a resposta a medicamentos, permitindo a personalização da terapia para otimização de tratamentos. Com o avanço das tecnologias de sequenciamento genético, é provável que a farmacogenômica desempenhe um papel cada vez mais importante na personalização da terapia medicamentosa, incluindo o uso de psicotrópicos. Estudos apontam para a relevância da diversidade genética e sua aplicação prática no cuidado de pacientes, incluindo na UTI. O farmacêutico terá um papel crucial na interpretação desses dados e na sua aplicação prática para otimizar a terapia medicamentosa em UTI.
- *Uso de inteligência artificial e big data:* A crescente disponibilidade de dados clínicos e farmacológicos, combinada com avanços em inteligência artificial, pode levar ao desenvolvimento de ferramentas sofisticadas de suporte à decisão clínica. O farmacêutico será fundamental na implementação e

interpretação dessas ferramentas, garantindo que sejam utilizadas de forma ética e eficaz.

- *Expansão da telemedicina e tele farmácia:* A pandemia de COVID-19 acelerou a adoção de soluções de telemedicina, e é provável que essa tendência continue. Isso pode criar novas oportunidades para a atuação farmacêutica à distância, incluindo a revisão de prescrições e o acompanhamento de pacientes pós-alta de UTI que estejam em uso de psicotrópicos.
- *Foco crescente na descontinuação segura de psicotrópicos:* À medida que cresce a consciência sobre os riscos do uso prolongado de psicotrópicos, é provável que haja um maior foco em estratégias de descontinuação segura. O farmacêutico terá um papel importante no desenvolvimento e implementação dessas estratégias, tanto durante a internação em UTI quanto no acompanhamento pós-alta.
- *Maior ênfase em abordagens não farmacológicas:* Há uma tendência crescente de buscar alternativas não farmacológicas para o manejo de problemas como agitação e delirium em UTI. O farmacêutico pode contribuir para essa tendência, não apenas sugerindo alternativas não farmacológicas quando apropriado, mas também educando a equipe sobre o uso racional de psicotrópicos em conjunto com essas abordagens.
- *Desenvolvimento de novos psicotrópicos com perfil de segurança melhorado:* É provável que a indústria farmacêutica continue a desenvolver novos psicotrópicos visando um perfil de segurança melhorado, especialmente para uso em populações críticas. O farmacêutico terá um papel importante na avaliação crítica desses novos medicamentos e na orientação sobre seu uso apropriado em UTI.

A análise dos estudos destaca o papel essencial do farmacêutico na gestão de psicotrópicos em UTIs, abrangendo desde a prevenção do uso abusivo até a educação de equipes e pacientes. Sua atuação é crucial para garantir a segurança do paciente e o uso racional de medicamentos. Com a incorporação de novas tecnologias e abordagens, o farmacêutico terá um papel ainda mais central nesse cenário.

5 CONCLUSÃO

A revisão da literatura destaca a complexidade e importância do papel do farmacêutico em unidades de terapia intensiva (UTIs), com ênfase no uso de psicotrópicos. Os estudos analisados indicam que o uso de psicotrópicos é comum nas UTIs, mas não isento de riscos, como delirium, dependência e complicações cardiovasculares e respiratórias.

O farmacêutico é essencial na equipe multidisciplinar, atuando na revisão e ajuste de prescrições e na educação de pacientes e profissionais de saúde. Suas intervenções, frequentemente aceitas, têm impacto clínico e econômico significativo, reduzindo erros de medicação e otimizando a terapia. A literatura alerta para a continuidade inadequada de medicamentos psicoativos após a alta, reforçando a importância do farmacêutico nas transições de cuidado.

No Brasil, a alta prevalência do uso de psicotrópicos entre grupos vulneráveis, como mulheres, idosos e pessoas de baixa renda, ressalta a necessidade de políticas públicas para o uso racional de medicamentos, onde o farmacêutico desempenha um papel central. Nas UTIs, as intervenções farmacêuticas são críticas para a segurança do paciente, abrangendo manejo de diluição, tempo de infusão e ajuste de dose.

O papel do farmacêutico vai além das UTIs, estendendo-se a todo o processo de cuidado, reduzindo danos associados ao uso indevido de medicamentos e assegurando uma terapia eficaz e segura. Contudo, desafios permanecem, como a falta de informações sobre efeitos colaterais e dependência, indicando a necessidade de uma comunicação mais eficaz entre profissionais de saúde e pacientes.

A revisão integrativa busca validar importância do farmacêutico na análise e controle do uso abusivo de psicotrópicos em UTIs. Para maximizar seu impacto, é necessário maior reconhecimento do farmacêutico como membro integral da equipe de cuidados intensivos.

Recomenda-se a implementação de políticas institucionais que fortaleçam sua participação nas decisões terapêuticas e o desenvolvimento de programas de educação continuada para capacitá-los nos desafios da farmacoterapia em UTIs. Além disso, sugere-se a realização de estudos que quantifiquem o impacto econômico e clínico das intervenções farmacêuticas, fornecendo evidências robustas para embasar decisões em políticas de saúde.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Antonio hipolito de. **Medicamentos, que realidade? Passado, presente e futuro**. 1. ed. Lisboa: Climepsi, 2004.

ALMEIDA, Lidiane Mendes de *et al.* Uso abusivo de psicofármacos e o papel do farmacêutico na prevenção da medicalização, 2021. **Revista Saúde & Ciência Online**. Disponível em: <<https://rsc.revistas.ufcg.edu.br/index.php/rsc/article/view/390>>. Acesso em: 13 de jul. 2024.

ALMEIDA, Reinaldo Nobrega de. *Psicofarmacologia: fundamentos práticos*, 2006.

ALVES, Letícia Coelho Queiroz de Lima *et al.* Intervenções Farmacêuticas na UTI e sua efetividade: uma revisão integrativa, 2022. **Revista Visão Acadêmica**, Curitiba, v. 23, nº 2, 2022. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/academica/article/download/78296/46272>>. Acesso em: 13 de jul. 2024.

ALVIM, Mariana Macedo *et al.* Prevalência e fatores associados ao uso de benzodiazepínicos em idosos da comunidade, 2017. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol - Rio de Janeiro**, v. 20, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbagg/a/9ST4JXDt5mP3FQMYN5vjhrN/?lang=en>>. Acesso em: 27 de ago. 2024.

AMARILES, Pedro *et al.* **How to link patients with suspicious COVID-19 to health system from the community pharmacies? A route proposal**. Research in social and Administrative Pharmacy, 2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32224133/>>. Acesso em 07 de fev. 2024.

ANDRADE, Márcia de Freitas *et al.* Prescrição de psicotrópicos: avaliação das informações contidas em receitas e notificações. **Rev. Bras. Cienc. Farm. Braz. J. Pharm. Sci.**, vol. 40, nº 4, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcf/a/Zr5CqdpnPNmMCvcvw5Hq4fq/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 02 de abr. 2024.

ANGELOVA, Kristina Ilkova. **Evolução da Farmácia até a atualidade**, 2018, 71 p. Dissertação (Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas) - Universidade do Algarve, Portugal, Universidade de Ciências e Tecnologia, Portugal, 2018. Disponível em: <<https://sapientia.ualg.pt/entities/publication/ea15edac-4704-4b4e-80e6-1a2ad7900401>>. Acesso em: 07 de fev. 2024.

ANGONESI, Daniela.; SEVALHO, Gil. Atenção Farmacêutica: fundamentação conceitual e crítica para um modelo brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, S3, p. 3603-3614, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/3GGQn9CxTy9NkS8VxwdRHtP>>. Acesso em: 04 abril de 2024.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Portaria CVS 1, de 07/2020.** Dispõe sobre disciplina, no âmbito do Sistema Estadual de Vigilância Sanitária – SEVISA, o licenciamento dos estabelecimentos de interesse da saúde e das fontes de radiação ionizante, e dá providências correlatas. Seção 1 p. 14, 2020. Disponível em: <[https://cvs.saude.sp.gov.br/up/E_PT-CVS-01_220720%20-%20COMPLETA%20\(Altera%C3%A7%C3%B5es%2023jul\).pdf](https://cvs.saude.sp.gov.br/up/E_PT-CVS-01_220720%20-%20COMPLETA%20(Altera%C3%A7%C3%B5es%2023jul).pdf)>. Acesso em: 07 de mar. 2024.

A Profissão Farmacêutica. Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo. 2ª Edição, 2019. Disponível em: <http://www.crfsp.org.br/documentos/materiaistecnicos/profissao_farmacutica_final.pdf>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

ARAÚJO, Patrícia Luiz de. Associação do uso prolongado de benzodiazepínicos com o aumento do risco de demência em idosos: uma revisão bibliográfica, 2015, 41f. Monografia (Especialização em Farmacologia) Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC, Criciúma 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesc.net/handle/1/4007>>. Acesso em: 21 de mar. 2024.

BARROS, Ilka de Carvalho (Coord.) *et al.* **Farmacêutico e a segurança dos usuários de medicamentos: aplicação da ferramenta FMEA no serviço de Farmácia de um Hospital Público de Teresina.** In: Experiências Exitosas de Farmacêuticos no SUS. Conselho Federal de Farmácia. v.4, nº 4, p. 154-165, 2016. Disponível em: <[https://www.cff.org.br/userfiles/experiencias2016\(1\).pdf](https://www.cff.org.br/userfiles/experiencias2016(1).pdf)>. Acesso em: 09 de fev. 2024.

BASSO, Maria Paula. **A farmácia e o medicamento:** Uma história concisa. 1. ed. Lisboa: CTT, 2004. Disponível em: <<https://bibliografia.bnportugal.gov.pt/bnp/bnp.exe/registro?1307667>>. Acesso em 07 de fev. 2024.

BEZERRA, Daniel Sarmento, *et al.* **Mulheres e o uso de benzodiazepínicos: uma revisão integrativa,** 2018. Temas em Saúde, v. 18, nº 2, João Pessoa, 2018. Disponível em: <<https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2018/07/18213.pdf>>. Acesso em: 21 de mar. 2024.

BINOTTO, André Luiz *et al.* Interface saúde da família & saúde mental: uma estratégia para o cuidado, 2012. **Revista Brasileira de Medicina de Família e de Comunidade,** v. 7, nº 23, 2012. Disponível em: <<https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/132>>. Acesso em: 26 de mar. 2024.

BOGDAN, Robert; BIKEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. 12ª ed. Porto: Porto, 2003.

BRANDÃO, Aloísio *et al.* (Org.). **Por que o Brasil não avança na pesquisa e desenvolvimento de ativos farmacêuticos?** 2023. Pharmacia Brasileira. Ano XXII, n. 98, 2023. Disponível em: <<https://site.cff.org.br/noticia/Noticias-gerais/06/07/2023/farmaceutico-intensivista-e-fundamental-dentro-da-equipe-multiprofissional>>. Acesso em: 18 de ago. 2024.

BRASIL. CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. **Resolução nº 585 de 29 de agosto de 2013**. Ementa: Regulamenta as atribuições clínicas do farmacêutico e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 29 ago. 2013a. Disponível em: <<https://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucoes/585.pdf>>. Acesso em: 05 de mar. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. **Resolução nº 586 de 29 de agosto de 2013**. Ementa: Regula a prescrição farmacêutica e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 29 ago. 2013b. Disponível em: <<https://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucoes/586.pdf>>. Acesso em: 05 de mar. 2024.

CAMPESE, Marcelo *et al.* **O dever da profissão farmacêutica e a clínica farmacêutica**. In: Soares Luciano *et al.* Atuação clínica do farmacêutico. Florianópolis: EdUFSC, 2016. Disponível em: <<https://efivest.com.br/wp-content/uploads/2019/03/ufsc5.pdf>>. Acesso em: 08 de mar. 2024.

CAPUCHO, Helaine C. *et al.* Farmacovigilância no Brasil: a relação entre polimorfismo de fármacos, efetividade e segurança dos medicamentos. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, São Paulo, v. 29, nº 3, p. 277-283, 2008. Disponível em: <<https://rcfba.fcfar.unesp.br/index.php/ojs/article/view/473>>. Acesso em 09 mar. 2024.

CARLINI, Elisaldo Araujo *et al.* **Drogas Psicotrópicas – o que são e como agem**, 2001. Disponível em: <https://www.tjmt.jus.br/intranet.arq/cms/grupopaginas/105/988/Drogas_psicotr%C3%B3picas_-_o_que_s%C3%A3o_e_como_agem.docx>. Acesso em: 19 de mar. 2024.

CARVALHO, Edina Ferreira de. **Perfil de dispensação e estratégias para uso racional de psicotrópicos**, 2016. Monografia (Especialização em Linhas de Cuidado em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/167287>>. Acesso em: 21 de mar. 2024.

CASTRO, Cláudio de Moura. **Estrutura e apresentação de publicações científicas**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.
Cedraz, Karoline Neris; SANTOS JUNIOR, Manoelito Coelho dos. Identificação e caracterização de interações medicamentosas em prescrições médicas da unidade de terapia intensiva de um hospital público da cidade de Feira de Santana, BA. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 12, nº 2, 2014. Disponível em: <<https://www.sbcm.org.br/ojs3/index.php/rsbcm/article/view/66>>. Acesso em: 28 de mar. 2024.

CHAMOUN, Nibal R. *et al.* **Impact of clinical pharmacy interventions on medication error nodes**. Int J Clin Pharm., v. 38, nº 6, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/309372940_Impact_of_clinical_pharmacy_interventions_on_medication_error_nodes>. Acesso em: 08 de mar. 2024.

CLAUS, Barbara O M *et al.* Expected net benefit of clinical pharmacy in intensive care medicine: a randomized interventional comparative trial with matched before-and-after groups, 2014. **Journal of Evaluation in Clinical Practice**, v. 20, n. 6, 2014. Disponível em: < <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25470782/>>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA (CFF). **Resolução nº 640, de 27 de abril de 2017**. Dispõe sobre as atribuições do farmacêutico nas práticas integrativas e complementares. Brasília: CFF, 2017. Disponível em:<<https://www.crfsp.org.br/noticias/8560-res-cff-n-640-2017.html>>. Acesso em: 28 de ago. 2024.

CORREDERAS, Marlene Gonzalez. **Uso indiscriminado de Benzodiazepínicos no município de Anitápolis, Santa Catarina**, 2018, 24f. Monografia (Especialização na Atenção Básica) Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Saúde, Florianópolis, 2018. Disponível em:<https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/13066/1/Marlene_Gonzalez_Corr_ederas.pdf>. Acesso em: 26 de mar. 2024.

CORRER, Cassiano J.; ROTTA, Inajara; OTUKI, Michel F. **Dispensação de medicamentos isentos de prescrição**. In: A prática farmacêutica na farmácia comunitária. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 150-177. Disponível em:<<https://www.meulivro.biz/farmacia/farmacia-comunitaria/1541/a-pratica-farmacutica-na-farmacia-comunitaria-1-ed-pdf/>>. Acesso em: 21 de fev. 2024.

CORRER, Cassiano Januário *et al.* Assistência farmacêutica integrada ao processo de cuidado em saúde: gestão clínica do medicamento, 2011. **Revista Pan-Amaz Saúde**, v.2, nº 3, 2011. Disponível em:<http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232011000300006>. Acesso em: 24 de ago. 2024.

DELUCIA, Roberto (Org.) *et al.* **Farmacologia integrada**. 5ª ed. São Paulo, v. 1, 2014. Disponível em:<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5202299/mod_resource/content/1/30%20anos%20educacao%20especial%20R.DeLucia%20PDF%20II.pdf>. Acesso em: 19 de mar. 2024.

DIAS, José Pedro Sousa. **A Farmácia e a História: Uma introdução à História da Farmácia, da Farmacologia e da Terapêutica**, 2005. Disponível em: <<http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Farmacia-e-Historia.pdf>>. Acesso em: 04 de fev. 2024.

DIAS, M. F. *et al.* Fontes de notificação em farmacovigilância. **Revista Fármacos e Medicamentos**, São Paulo, v. 34, n.º 6, 2005.

DINIZ, Anderson Fellyp Avelino *et al.* **Importância da dispensação farmacêutica no uso racional de medicamentos e na qualidade de vida dos idosos**, 2015. Anais CIEH, v. 2, nº 1, 2015. Disponível em:<https://editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2015/TRABALHO_EV040_MD4_SA15_ID179_27082015220314.pdf>. Acesso em: 08 de mar. 2024.

DOURADO, Carla Solange de Melo Escórcio; COELHO, Maria do Socorro Rodrigues. Adequação dos cursos de Farmácia às novas Diretrizes Curriculares. **Revista Científica da FSA** - Teresina - Ano VII - nº 7 / 2010. Disponível em: <<http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/412/197>>. Acesso em: 11 de maio 2024.

FAVERO, Viviane Rosset *et al.* **Uso de ansiolíticos**: Abuso ou necessidade? 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/323897381_uso_de_ansiolicos_abuso_ou_necessidade>. Acesso em: 26 de mar. 2024.

FEGADOLLI, Cláudia *et al.* A percepção de farmacêuticos acerca da possibilidade de implantação da atenção farmacêutica na prática profissional, 2010. **Revista Espaço para a Saúde**, Londrina, v. 12, nº 1, 2010. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-589705>>. Acesso em: 01 de jul. 2024.

FERNANDES, Márcia Astrês *et al.* Interações medicamentosas entre psicofármacos em um serviço especializado de saúde mental, 2012. **Revista Interdisciplinar NOVAFAPI**, Teresina, v. 5, nº 1, 2012. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/422643466/Interacoes-medicamentosas-entre-psicofarmacos-em-um-servico-especializado-de-saude-mental>>. Acesso em: 23 de mar. 2024.

FIDELES, Giovanni Montini Andrade *et al.* Recomendações farmacêuticas em unidade de terapia intensiva: três anos de atividades clínicas, 2015. **Revista Brasileira Ter Intensiva**, v. 27, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbti/a/JbLTzDNmSYJCvjWmsWZKJRc/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 19 de ago. 2024.

FIGUEIREDO, Alessandra Caroline Domingos de. **Consumo e gastos com psicotrópicos no Sistema Único de Saúde no estado de Minas Gerais**: análise de 2011 a 2013, 2015, 63f. Dissertação (Pós-graduação em saúde coletiva) Universidade de Brasília. Faculdade De Ciências Da Saúde, Brasília, Brasil, 2015. Disponível em: <<http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/19913?mode=full>>. Acesso em: 26 de mar. 2024.

FIRMO, Wellyson da Cunha Araújo *et al.* **Análise das prescrições médicas de psicotrópicos de uma farmácia comercial no município de Bacabal, Maranhão**, 2013. *Manag Prim HealthCare* 2013; v. 4, nº 1, 2013. Disponível em: <<https://www.jmphc.com.br/jmphc/article/view/161>>. Acesso em: 18 de mar. 2024.

GERBER, Werner; STEYN, Johan D.; KOTZÉ, Awie F, HAMMAN, Josias H. **Interações Farmacocinéticas Benéficas: Uma Ferramenta para Melhorar a Biodisponibilidade de Medicamentos Pouco Permeáveis**, 2018. Disponível em: <<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6161083/#:~:text=Beneficial%20pharmacokinetic%20interactions%20include%20the,whereas%20beneficial%20pharmacodynamic%20interactions%20include>>. Acesso em: 18 de fev. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Alice Madilza Palmeira *et al.* Avaliação de potenciais interações medicamentosas em pacientes da unidade de terapia intensiva de um hospital universitário, 2019. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, Salvador, v. 18, nº 2, 2019. Disponível em:<<https://periodicos.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/29253>>. Acesso em: 28 de mar. 2024.

HINRICHSEN, Sylvia Lemos *et al.* Gestão da qualidade e dos riscos na segurança do paciente: estudo-piloto. **Revista de Administração Hospitalar e Inovação em Saúde**, Belo Horizonte, v. 3, nº 7, p.10-17, 2011. Disponível em:<<https://revistas.face.ufmg.br/index.php/rahis/article/view/1400>>. Acesso em: 09 de fev. 2024.

HUF, Gisele *et al.* **O uso prolongado de benzodiazepínicos em mulheres de um centro de convivência para idosos**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 16, nº 2, p.351-362, 2000. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/csp/a/kJ3mMKzcbcZDJDzRvYLGk4v/?lang=pt>>. Acesso em: 02 de abr. 2024.

KJELDTSEN, Lene Juel *et al.* **Evaluation of a controlled, national collaboration study on a clinical pharmacy service of screening for risk medications**. Int J Clin Pharm., v.36, nº 2, 2014. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/259352804_Evaluation_of_a_controlled_national_collaboration_study_on_a_clinical_pharmacy_service_of_screening_for_risk_medications>. Acesso em: 05 de mar. 2024.

KLOPOTOWSKA, Joanna E. *et al.* **On-ward participation of a hospital pharmacist in a Dutch intensive care unit reduces prescribing errors and related patient harm: an intervention study**, 2010. Disponível em:<<https://ccforum.biomedcentral.com/articles/10.1186/cc9278>>. Acesso em: 04 de ago. 2024.

KOVACIC, Nicole Lynn *et al.* **An Analysis of Psychoactive Medications Initiated in the ICU but Continued Beyond Discharge: A Pilot Study of Stewardship**, 2020. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6711824/>>. Acesso em: 13 de jul. 2024.

LEITE, Silvana Nair *et al.* Serviço de dispensação de medicamentos na atenção básica no SUS, 2016. **Revista de Saúde Pública**, 2016. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/rsp/a/HYT7kJRVbrwNpB3DjPSmNJm/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 de jul. 2024.

LIMA, Adriano Encarnação *et al.* Papel do farmacêutico no combate ao uso indiscriminado de benzodiazepínicos: uma revisão de literatura, 2021. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/356562790_Papel_do_farmacaceutico_no_combate_ao_uso_indiscriminado_de_benzodiazepinicos_uma_revisao_de_literatura>. Acesso em: 13 de jul. 2024.

LIMA, Marina Guimarães *et al.* Indicadores relacionados ao uso racional de medicamentos e seus fatores associados., 2017. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/fZBq5WYYWjX7FLmwDpRyfTk/?lang=pt>>. Acesso em 07 de fev. 2024.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica, 2007. **Rev. Katál. Florianópolis** v. 10, nº esp., 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvvhc8RR/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 20 de jun. 2024.

LOYOLA-FILHO, Antônio Ignácio de *et al.* Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. **Revista Saúde Pública**, v. 36, p. 55-62, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/Ry4K7Ydpy5fzbp7kxj6NPQw/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02 de abr. 2024.

MARQUES, Joyce de Mello Sarmiento; BAIENSE, Alex Sandro Rodrigues. Consultório Farmacêutico em Drogeria. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v.7, nº 10. 2021. Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/2686>>. Acesso em 09 mar. 2024.

MARQUES, Maria Eduarda Oliveira *et al.* Atuação do profissional farmacêutico na gestão responsável e eficaz de medicamentos psicotrópicos, 2024. **Revista Interdisciplinar em Saúde**, Cajazeiras, 11 (único), 2024 Disponível em: <https://www.interdisciplinaremsaude.com.br/Volume_32/Trabalho_28_2024.pdf>. Acesso em: 22 de ago. 2024.

MATOSO, Karina Fernandes Costa; MOURA, Pauline Cristiane. O uso indiscriminado de benzodiazepínicos por idosos atendidos na atenção primária de Felixlândia, Minas Gerais, 2018. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 6 nº 3. Disponível em: <<http://jornalold.faculdadecienciasdavid.com.br/index.php/rbcv/article/view/588>>. Acesso em: 21 de mar. 2024.

MELO, Daniela Oliveira de *et al.* **Capacitação e intervenções de técnicos de farmácia na dispensação de medicamentos em Atenção Primária à Saúde**, 2017. Ciênc. saúde colet, v. 22, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/VWjgQpzkBYWFsGKcKFZdr5Q/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 27 de ago. 2024.

MELO, Luciano Magalhães *et al.* Declínio cognitivo e demência associados à doença de Parkinson: características clínicas e tratamento. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 34, nº 4, 2007. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912010000100005>. Acesso em: 23 de mar. 2024.

MENEZES, Ricardo Fernandes de; DIAS, José Pedro Souza. **Da História da farmácia e dos medicamentos**. [S. l.: s. n.], 2005. 46 p. Disponível em:<<https://www.unijales.edu.br/library/downebook/id:1529>>. Acesso em: 16 de fev. 2024.

MIBIELLI, Pablo *et al.* **Interações medicamentosas potenciais entre idosos em uso dos anti-hipertensivos da Relação Nacional de Medicamentos Essenciais do Ministério da Saúde do Brasil**. Cad. Saúde Pública, v. 30, nº 9, 2014. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/csp/a/4tYrhPZSgB8gPkPfVwbvKcv/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 28 de mar. 2024.

Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. **Cuidado Farmacêutico na Atenção Básica: aplicação do método clínico**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em:<<https://assistenciafarmaceuticaab.conasems.org.br/publicacoes/colecao/cuidado-farmacutico-metodo-clinico/>>. Acesso em: 07 de mar. 2024.

Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. Serviços farmacêuticos na atenção básica à saúde. Coleção **Cuidado farmacêutico na atenção básica**, caderno 1. Brasília: 2014. Disponível em:<https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/servicos_farmaceuticos_atencao_basica_saude.pdf>. Acesso em: 07 de mar. 2024.

MOLCK, Bárbara Vukomanovic *et al.* **Psicotrópicos e Atenção Primária à Saúde: a subordinação da produção de cuidado à medicalização no contexto da Saúde da Família**, 2021. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/icse/a/t47rDfqSN6kw7FDnW3fwfJ/?lang=pt>>. Acesso em: 13 de jul. 2024.

MOURA, Cristiano Soares de *et al.* Interação medicamentosa associada à reinternação hospitalar: estudo retrospectivo em um hospital geral. **Revista Saúde Pública**, v. 46, nº 6, 2012. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/rsp/a/CSq7Qr6bNz88rPpr3GYYfLk/>>. Acesso em: 28 de mar. 2024.

NG, Ricki *et al.* Pharmacist-led interventions for people living with severe and persistent mental illness: A systematic review. **Australian & New Zealand Journal of Psychiatry**, 2022. Disponível em:<<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/00048674211048410>>. Acesso em: 28 de ago. 2024.

NÓBREGA, Rafaela Cavalcante de *et al.* Perfil de utilização de anti-infecciosos e interações medicamentosas potenciais em unidade de terapia intensiva. **Revista Brasileira Farm. Hosp. Serv. Saúde**, v. 3, nº 3, 2012. Disponível em:<<https://rbfhss.org.br/sbrafh/article/download/138/140/170>>. Acesso em: 29 de mar. 2024.

NUNES, Bianca Silva; BASTOS, Fernando Medeiros. Efeitos colaterais atribuídos ao uso indevido e prolongado de Benzodiazepínicos, 2016. *Saúde & Ciência em Ação – Revista Acadêmica do Instituto de Ciências da Saúde*, v.3, nº 1, 2016. Disponível em: <<https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaCS/article/viewFile/234/177>>. Acesso em: 27 de ago. 2024.

NUNES, Patrícia Helena Castro *et al.* Intervenção farmacêutica e prevenção de eventos adversos. *Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas*, São Paulo, v. 44, nº 4, p. 691-699, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcf/a/c8VRrXsB3brGrfvPhrpdNfK/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 09 de fev. 2024.

OKUMURA, Lucas Miyake *et al.* Relação entre o uso seguro de medicamentos e Serviços de Farmácia Clínica em Unidades de Cuidados Intensivos Pediátricos, 2016. *Rev. Paul. Pediatr.*, v. 34, nº 4, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rpp/a/Mr6SWRh3vckZvWhp7hknBRK/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 08 de mar. 2024.

OLIVEIRA, Alan Maicon de *et al.* Protocolo da implantação do cuidado farmacêutico na geriatria: estratégia para segurança na assistência à saúde, 2022. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 43, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rngenf/a/B8gXGxcVdjynBCCbKRb5H4J/?lang=pt>>. Acesso em: 23 de ago. 2024.

OLIVEIRA, B.; SILVA, C.; GUIZILINI, J.; CORDEIRO, G.; ASSIS, G.; PETERS, A. Crises de abstinência de substâncias psicoativas no âmbito hospitalar: Reflexos das condições de trabalho dos enfermeiros. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, n. 25, 2021. Disponível em: <<https://scielo.pt/pdf/rpesm/n25/1647-2160-rpesm-25-49.pdf>>. Acesso em: 23 de ago. 2024.

OLIVEIRA, Joana Darc Lima de *et al.* Uso indiscriminado dos benzodiazepínicos: a contribuição do farmacêutico para o uso consciente, 2015. *Revista Transformar*, v. 7, nº 7, 2015. Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/41>>. Acesso em: 24 de ago. 2024.

OLIVEIRA, Márcio Oliveira de *et al.* **A atuação do profissional farmacêutico no âmbito hospitalar**, 2022. In: PESSOA, Débora Luana Ribeiro (Org.). *Ciências Farmacêuticas integrada ao processo de cuidado em saúde*. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Disponível em: <<https://atenaeditora.com.br/catalogo/download-post/65777>>. Acesso em: 11 de mar. 2024.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011.

OLIVEIRA, Naira Villas Boas Vidal de *et al.* **Atuação profissional dos farmacêuticos no Brasil**: perfil sociodemográfico e dinâmica de trabalho em farmácias e drogarias privadas, 2017. *Saúde Soc.* São Paulo, v. 26, nº 4, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/qxR995Kf6GPfxFWjrm6bQ4Q/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 01 de jul. 2024.

PEREIRA, Mariana Linhares; NASCIMENTO, Mariana Martins Gonzaga do. Das boticas aos cuidados farmacêuticos: perspectivas do profissional farmacêutico. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 92, nº 4, 2011. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/380717/mod_folder/content/0/Das_boticas_ao_cuidadofarmaceutico.pdf>. Acesso em: 17 de fev. 2024.

PERINI, E.; ACÚRCIO, F. A. Farmacoepidemiologia. In: GOMES, por Maria José Vasconcelos Magalhães; REIS Adriano Max Moreira (Org.). Ciências farmacêuticas: uma abordagem em farmácia hospitalar. Belo Horizonte: Atheneu, 2001.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 13.021 de 8 de agosto de 2014**. Dispõe sobre o exercício e a fiscalização das atividades farmacêuticas. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 8 ago. 2014. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13021.htm>. Acesso em: 11 de mar. 2024.

RANG, H. P. *et al.* **Farmacologia**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. Disponível em: <<https://cssjd.org.br/imagens/editor/files/2019/Abril/Farmacologia.pdf>>. Acesso em: 03 de abr. 2024.

RODRIGUES, Patrícia Silveira *et al.* **Uso e fontes de obtenção de psicotrópicos em adultos e idosos brasileiros**, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/TPshKZqHqXpNKnQyDptcKcy/>>. Acesso em: 13 de jul. 2024.

ROSA, Aline Wiland da *et al.* Classificação das intervenções farmacêuticas realizadas em unidade de terapia intensiva. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, 2020. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/12116>>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

SANCAR, Mesut; KAŞIK, Aksa; OKUYAN, Betül; BATUHAN, Sevda, İZZETTİN, Fikret Vehbi. Determination of Potential Drug-Drug Interactions Using Various Software Programs in a Community Pharmacy Setting. **Turk J Pharm Sci**, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/5fb45cb5-f6c8-4418-a186-d5dee40ac09c>>. Acesso em: 26 de mar. 2024.

SANTOS, Juliana Pereira dos *et al.* Cuidado farmacêutico em UTI oncológica/Pharmaceutical care in oncology UTI. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 3, 2020. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/11054>>. Acesso em: 27 de fev. 2025.

SANTOS, Julianderson de Souza *et al.* Farmacêutico na UTI: um profissional essencial no suporte à vida, **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 7, n.1, 2024. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/67218/47884>> Acesso em: 27 de fev. 2025.

SANTOS, Thalita Renata Araújo et al. (2015). **Análise do padrão do uso de medicamentos em idosos no município de Goiânia, Goiás**, 2015, 81f. Dissertação (Pós-graduação em Ciências da Saúde) Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO. Disponível em:<<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/5fb45cb5-f6c8-4418-a186-d5dee40ac09c>>. Acesso em: 26 de mar. 2024.

SCHALLEMBERGER, Janaína Barden; COLET, Christiane de Fatima. **Avaliação da dependência e ansiedade entre usuários de benzodiazepínicos**, 2016. Trends Psychiatry Psychother, v. 38, nº 5, 2016. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/trends/a/PhMtcjkyWfLsr3GFh9NVFxEK/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 21 de mar. 2024.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro; ANTUNES, Larissa. A função imaginária no uso de substâncias psicoativas: contribuições de Jean-Paul Sartre, 2010. **Revista do Nufen** - Ano 02, v. 01, nº 1, 2010. Disponível em:<https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912010000100005>. Acesso em: 23 de mar. 2024.

SHAFIEKHANI, Mojtaba et al. **Psychotropic drug therapy in patients in the intensive care unit – usage, adverse effects, and drug interactions: a review**, 2018. Disponível em:<file:///C:/Users/amand/Downloads/Psychotropic_drug_therapy_in_patients_in_the_inten.pdf>. Acesso em: 13 de jul. 2024.

SILVA, Ana Carolina de Souza e et al. **Acompanhamento farmacoterapêutico em unidade de terapia intensiva respiratória: descrição e análise de resultados**, 2018. Eisenstein – São Paulo, v. 16, 2018. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/rngenf/a/B8gXGxcVdjynBCCbKRb5H4J/?lang=pt>>. Acesso em: 23 de ago. 2024.

SILVA, Ana Cláudia. **Implantação de protocolo na unidade de saúde Abdalla Felício para o controle do uso de benzodiazepínicos**, 2018. Disponível em:<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registro/Implantacao_de_protocolo_na_Unidade_de_Saude_Abdalla_Felicio_para_o_controle_do_uso_de_benzodiazepinicos/444>. Acesso em: 21 de mar. 2024.

SILVA, Cíntia de Carvalho et al. **Impacto da atuação do farmacêutico no âmbito hospitalar: uma revisão integrativa**, 2022. Research, Society and Development, v. 11, nº 16, 2022. Disponível em:<<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/38554/31926/420712>>. Acesso em: 13 de jul. 2024.

SILVA, Tamilly Machado dos Santos. **A importância do gerenciamento de riscos na dispensação de medicamentos em drogarias como ferramenta facilitadora para a prevenção de efeitos adversos**, 2017, 59f. Monografia (Curso de Farmácia) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, 2017. Disponível em:<<https://revistas.face.ufmg.br/index.php/rahis/article/view/1400>>. Acesso em: 09 de fev. 2024.

SOARES, Simaria de Jesus. Pesquisa científica: uma abordagem sobre o método qualitativo, 2019. **Revista Ciranda – Montes Claros**, v. 1, nº 3, 2019. Disponível em: <<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/ciranda/article/view/314/348>>. Acesso em: 13 de ago. 2024.

SOFUOGLU, Mehmet; SEWELL, R. Andrew. **Norepinephrine and Stimulant Addiction**. National Institutes of Health, p.119-129, 2009. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1369-1600.2008.00138.x>>. Acesso em: 19 de mar. 2024.

SOUZA, Carlos Roberto Coutinho de. Análise e gerenciamento de riscos em processos industriais. Especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000. Disponível em: <http://www.segurancanotrabalho.eng.br/download/Apostila_de_Gerenciamento_de_Riscos.pdf>. Acesso em: 09 de fev. 2024.

SOUZA, Karinne Bianca Lima *et al.* **A importância da atenção farmacêutica no uso indiscriminado de psicotrópicos em crianças e adolescentes**, 2020. Disponível em: <<https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2020/04/a-import%c3%82ncia-da-aten%c3%87%c3%83o-farmac%c3%8autica-no-uso-indiscriminado-de-psicotr%c3%93picos-em-crian%c3%87as-e-adolescentes.pdf>>. Acesso em: 13 de jul. 2024.

VIEIRA, Bruna de Souza *et al.* A importância da Farmácia Universitária frente aos serviços clínicos prestados à comunidade, 2018. **Revista Sustinere**, v. 6 nº 2, 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/35348>>. Acesso em: 11 de mar. 2024.

VIEIRA, Liliana Batista *et al.* Interações Medicamentosas Potenciais em Pacientes de Unidades de Terapia Intensiva. **Revista Ciênc. Farm. Básica Apl.**, v. 33, nº 3, 2012. Disponível em: <<https://rcfba.fcfar.unesp.br/index.php/ojs/article/view/277>>. Acesso em: 29 de mar. 2024.

ZANELLA, Carolina Gomes *et al.* Atuação do farmacêutico na dispensação de medicamentos em Centros de Atenção Psicossocial Adulto no município de São Paulo, SP, Brasil, 2015. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/9dRB7Bb9656Lxsr3ZRjmYYf/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 13 de jul. 2024.